



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

LIDIANE APARECIDA PADILHA SILVA

**O CABELO AFRO COMO UM ATO POÉTICO E POLÍTICO
NA POESIA DE JEOVÂNIA PINHEIRO DO NASCIMENTO**

**GUARABIRA/PB
2023**

LIDIANE APARECIDA PADILHA SILVA

**O CABELO AFRO COMO UM ATO POÉTICO E POLÍTICO
NA POESIA DE JEOVÂNIA PINHEIRO DO NASCIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras -
Português da Universidade Estadual da Paraíba
– Campus III, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e
alteridade.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

**GUARABIRA/PB
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Lidiane Aparecida Padilha.
O cabelo afro como um ato poético e político na poesia de Jeovânia Pinheiro do Nascimento [manuscrito] / Lidiane Aparecida Padilha Silva. - 2023.
58 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza ,
Departamento de Letras - CH. "

1. Jeovânia. 2. Negritude. 3. Empoderamento. 4.
Resistência. 5. Escrivência. I. Título

21. ed. CDD 305.8

LIDIANE APARECIDA PADILHA SILVA

O CABELO AFRO COMO UM ATO POÉTICO E POLÍTICO
NA POESIA DE JEOVÂNIA PINHEIRO DO NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado à Coordenação do
Curso de Letras - Português da Universidade
Estadual da Paraíba – Campus III, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade
e alteridade.

Aprovada em: 06/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Olavo Barreto de Souza

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba

Rosângela Neres de Araújo

Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Isabelle Santos Araújo

Profa. Me. Isabelle Santos Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

A minha pequena e amada filha Esther,
por seu amor incondicional, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu Senhor Jesus, por toda força e sabedoria a mim concedida, sem o seu cuidado e o seu agir, eu jamais teria chegado à conclusão desse ciclo na minha vida.

À minha família, em especial ao meu esposo Luciano por seu companheirismo e compreensão durante todos esses anos de curso; e, principalmente, nesse período da escrita acadêmica. Também, à minha mãe Elizete, por ser o meu porto seguro na vida me apoiando em tudo que almejo realizar.

À minha filha Esther que com o seu amor e carinho torna tudo mais simples, leve e bonito. Ela é a minha maior motivação, minha vida, meu amor.

Ao professor Olavo Barreto de Souza, por me apresentar a poesia, pelo ser humano incrível que é, na qual tive a grata satisfação de ser sua orientanda: tornou-se um amigo querido para mim. Agradeço por toda paciência para comigo, por ter acreditado na minha capacidade e pela motivação constante em concluir esse trabalho.

À autora Jeovânia P. por sua escrita poética de resistência e resiliência que me tocaram profundamente.

A todos os professores do curso Letras/Português que contribuíram com a minha formação acadêmica nesta instituição. Em particular aos professores Rosângela Neres, Willian Sampaio que me apresentaram a Literatura e com maestria conduziram a prática docente com humanidade e afeto.

À minha turma de Letras – Português 2017.1, e aos demais colegas da universidade que tive o prazer de conviver durante esse percurso seja em disciplinas e nas tantas idas e vindas para UEPB durante o trajeto.

Aos amigos queridos que o curso me presenteou durante esse tempo, com a amizade e companheirismo significaram tanto a minha vida pessoal quanto na vida acadêmica: Edenize Karla, Viviane, Fabiana, Deysiane, Késsia e Carlos Alberto.

À minha amiga Vanda pelo carinho, incentivo, empatia, força e reciprocidade durante a vivência da graduação, e por compartilhar comigo as lutas diárias, sonhos, conversas, momentos de alegria que fazem de nossa amizade ser tão especial.

À minha amiga Renata Nunes por sua amizade, pela troca constante de pensamentos positivos, me impulsionando a seguir em frente, somos exemplos de fé e superação.

A todas as escritoras negras deste país que com a sua escrita literária ressignificam e empoderam outras mulheres.

Nesse dia
Ela se descobriu mulher
Desvelou sua origem
Soltou seus cabelos crespos
Saiu vestida de black
E nunca mais prendeu a si mesma por medo do olhar do outro

Jeovânia P.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar criticamente a escrita poética da escritora Jeovânia Pinheiro do Nascimento, (em artes, Jeovânia P.) considerando o fator de empoderamento que contribui para sua escrita literária, tendo como foco a simbologia do cabelo afro contido em seus poemas. Para tanto, apresentamos alguns dados sobre a vida e obra da autora, especificando os aspectos gerais e, de modo posterior, desenvolveu-se a verticalização de leitura dos poemas selecionados. Do ponto de vista metodológico, nossa investigação bibliográfica está embasada conforme indicam Paiva (2019) e Gil (2002), em uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, em Candido (2006), enfatizando o processo analítico de leitura e interpretação de textos poéticos e em Sousa (2022), referente às suas considerações inerentes à linguagem poética. No que tange aos aspectos teóricos, portou-se de Proença Filho (2004), abordando a Literatura afro-brasileira; Souza e Alves (2012), destacando a relação entre mulher na literatura; Gomes (2002), acerca da subjetividade negra a relação entre cabelo e corpo; Gomes, Duque e Arrazola (2019), expondo o cabelo como símbolo de resistência racial; Ambrosio *et al* (2022), acerca do cabelo afro como ato político; Hooks (2005), sobre os movimentos sociais e cabelo *black power*; Heller (2013), destacando os elementos simbólicos no poema, dentre outros citados neste trabalho. Na discussão vislumbra-se na poesia de Nascimento a imagem da mulher negra e o uso do cabelo afro como símbolo de resistência e empoderamento político e social. Como resultados, constatou-se ao tratar nos poemas “Mulher negra”, “Negra desde Menina” (Nascimento, 2019) e “Cinderela Revolucionária” (Nascimento, 2022), abordando a mulher negra e o cabelo afro, que a autora descreve essa mulher negra de forma emancipada e consciente de sua identidade. Nisso, ressalta a atitude de resistência por meio do cabelo afro, como expressão poética, fomentada pela alteridade e o empoderamento. As criações poéticas reafirmam o uso do cabelo afro de forma natural sendo ele articulado socialmente pela negritude, como um ato político em romper com o padrão de beleza da hegemonia branca.

Palavras-chave: Jeovânia; Negritude; Empoderamento; Resistência; Escrivência.

ABSTRACT

The present work aims to critically analyze the poetic writing of the writer Jeovânia Pinheiro do Nascimento, (in arts, Jeovânia P.) considering the empowerment factor that contributes to her literary writing, focusing on the symbolism of afro hair contained in her poems. Therefore, we present some data about the author's life and work, specifying the general aspects and, subsequently, the vertical reading of the selected poems was developed. From a methodological point of view, our bibliographic investigation is based, as Paiva (2019) and Gil (2002) indicate, on a qualitative approach of a bibliographic nature, on Candido (2006), emphasizing the analytical process of reading and interpreting poetic texts and on Sousa (2022), referring to his considerations inherent to poetic language. With regard to theoretical aspects, it was based on Proença Filho (2004), addressing Afro-Brazilian Literature; Souza and Alves (2012), highlighting the relationship between women in literature; Gomes (2002), about black subjectivity and the relationship between hair and body; Gomes, Duque and Arrazola (2019), exposing hair as a symbol of racial resistance; Ambrosio et al (2022), about Afro hair as a political act; Hooks (2005), on social movements and black power hair; Heller (2013), highlighting the symbolic elements in the poem, among others mentioned in this work. In the discussion, the image of the black woman and the use of afro hair as a symbol of resistance and political and social empowerment are glimpsed in Nascimento's poetry. As a result, it was found when dealing with the poems "Mulher negra", "Black since Menina" (Nascimento, 2019) and "Cinderela Revolucionaria" (Nascimento, 2022), addressing the black woman and afro hair, that the author describes this black woman in an emancipated and conscious way of her identity. In this, the attitude of resistance through afro hair is highlighted, as a poetic expression, fostered by otherness and empowerment. The poetic creations reaffirm the use of afro hair in a natural way, being socially articulated by blackness, as a political act in breaking with the beauty standard of white hegemony.

Keywords: Jehovania; Blackness; Empowerment; Resistance; Clerkship

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

Figuras

Figura 1: Jeovânia P no Programa “Cena Preta”, da TV Cidade João Pessoa	16
Figura 2: Capa da obra Re[s][x]istência, de Jeovânia P.	19
Figura 3: Capa da obra II Coletânea de poesia, cordel, contos e crônicas do IFPB	21

Quadros

Quadro 1: Obras publicadas por Jeovânia Pinheiro do Nascimento	17
---	-----------

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 CAPÍTULO: A POESIA DE RE[S][X]ITÊNCIA DE JEOVÂNIA P: TRAJETÓRIA BIBLIOGRÁFICA	16
2.1 Aspectos bibliográficos.....	16
2.2 Aspectos gerais sobre a obra <i>Re[s][x]istência</i> e a <i>II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB</i>	18
3 CAPÍTULO: O CABELO AFRO: DISCUSSÃO TEÓRICA	22
3.1 A poesia como campo investigativo: o estético e o político.....	22
3.2 Uma literatura de resistência no estrado da afrobrasilidade: o cabelo como símbolo	23
4 CAPÍTULO: O CABELO AFRO NA POESIA DE JEOVÂNIA PINHEIRO DO NASCIMENTO	32
4.1 Enfrentamentos estético-políticos de uma cacheada “Mulher negra”	33
4.2 O <i>Black Power</i> de Rainha e o Batom Roxo de uma “Cinderela revolucionária”	39
4.3 O ato de reconhecer-se “Negra desde menina” com seu <i>black power</i> ao vento.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	57

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho consiste em uma investigação sobre a poesia de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, poeta do estado da Paraíba, mulher negra que possui um considerável acervo de publicações localizadas no intercurso da temática da raça e do gênero, este com ênfase na discussão do feminino. Enquanto uma autora não-canônica fora de um circuito tradicional de visibilização nacional, sua trajetória e seus escritos promovem reflexões sobre o papel da mulher negra, ressignificando sua identidade, bem como abrindo espaços para que vozes subalternizadas possam estar incluídas no campo literário. Seu trabalho está vinculado a um percurso de autoras que desde o século XIX, tais como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, até a contemporaneidade, como Conceição Evaristo, Livia Natália, Cristiane Sobral, que verbalizam nas Letras o discurso da diferença, da denúncia social e da ressignificação sobre a identidade negra.

Entretanto, a partir da análise dos poemas selecionados para nossa leitura interpretativa, veremos como a voz poética nos permitirá compreender o contexto histórico social durante este caminho. Pois, como se tem visto, a mulher, ao longo de sua constituição histórica na sociedade de modo geral, tem buscado o requerimento pelos direitos civis e políticos, direito ao voto, direitos sociais e trabalhistas, entre outros que permitiram o seu estado emancipatório, libertando-a das amarras e da dependência e subordinação de uma educação oriunda de um patriarcalismo machista e racista.

Diante disso, surgiu a importância de ressaltar a literatura afro-brasileira, tendo em vista a trajetória da escrita literária feminina negra no Brasil, com olhar específico para as obras de Jeovânia Pinheiro do Nascimento: *Re[s][x]istência* (2019), considerando os poemas “Negra mulher” e “Negra desde menina”; além de “Cinderela Revolucionária”, contida na obra *II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB: homenagem a Marília Arnaud e Lourdes Ramalho* (2022), organizada por Rosa Samara Silveira *et al.*

Na nossa interpretação, vislumbramos como essa voz lírica feminina e negra envolve a dimensão na sua escrita um ato poético e político. Dessa forma, a pesquisa inclui-se numa gama de estudos sobre a subalternização da mulher negra do ponto de vista da poesia e, também, sobre a visibilização de autoras femininas não-canônicas. Tendo em vista a especificidade de nosso objeto, a questão de pesquisa que lançamos é: como o cabelo afro é representado enquanto ato poético gerador de discussão política nos poemas de Jeovânia Pinheiro do Nascimento? Dada a extensão desse escopo, selecionamos apenas os textos citados acima para

análise, verificando neles os aspectos concernentes à simbologia estético-política do cabelo representado pelo eu lírico.

A fim de configurar nossa trajetória investigativa, temos por objetivo geral analisar a escrita poética da autora Jeovânia Pinheiro do Nascimento, considerando o fator de empoderamento que contribui para sua escrita literária, tendo por foco a simbologia do cabelo afro contido em seus poemas. Assim, nas considerações analíticas aqui desenvolvidas, como efeito, procuramos também investigar como essa voz poética, diante da dimensão política na literatura contemporânea, destaca a emancipação da autoria feminina negra, bem como a relevância da mulher e o seu espaço tanto na literatura, quanto no contexto social.

Acerca dos objetivos específicos, discutiremos sobre o cabelo afro como elemento de resistência; identificar quais recursos estruturais e estéticos produzem significados sobre esse cabelo nos poemas selecionados; e, interpretaremos o modo de realização desses elementos na escrita da autora, desenvolvendo a construção, o reconhecimento e a concretização do eu lírico, sobre o cabelo afro como um ato político e poético, tendo em vista seu potencial em expor isso de forma caracterizadora desse aspecto individual da escrita poética investigada no nosso trabalho.

Mediante a necessidade de uma investigação com respeito a literatura de autoria feminina, principalmente a autoria negra, buscaremos no decorrer deste trabalho desenvolver os questionamentos mencionados dentro do âmbito da leitura crítica da escrita poética literária, utilizando como objeto de estudo o cabelo afro.

Norteamos a pesquisa, do ponto de vista teórico, em Paiva (2019) e Gil (2002) em uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, em Candido (2006) sobre o processo analítico de leitura e interpretação e Sousa (2022) referente à linguagem poética; continuando, nos portamos de Proença Filho (2004), sobre a Literatura do negro, Souza e Alves (2012) destacando a mulher na literatura, Gomes (2002) acerca da subjetividade negra a relação entre cabelo e corpo, Gomes, Duque e Arrazola (2019) sobre o cabelo como símbolo resistência racial, Ambrosio *et al* (2022) acerca do cabelo afro como ato político, Hooks (2005) sobre os movimentos sociais e cabelo *black power*; Heller (2013) sobre os elementos simbólicos no poema, entre outros citados ao decorrer da escrita acadêmica que também foram de grande relevância para desenvolver esse estudo acadêmico.

Dessa forma, justificamos nosso percurso de leitura interpretativa, porque ao analisar como o cabelo afro está presente na escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento percebemos como a autora destaca essa temática na escrita e representa a figura feminina neste estudo, que ao longo do fazer poético na arte literária faz uso da subjetividade para evidenciar

o posicionamento feminino sobre a sociedade, e, em particularidade, da mulher negra. Assim, no contexto abrangente do âmbito da literatura, principalmente, no que diz respeito a literatura afro-brasileira e a escrita feminina de autoria negra, focaliza-se o uso do “cabelo” como um referencial estético, ao qual nos debruçamos neste estudo.

Metodologicamente, o trabalho configura-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, com ação crítico-interpretativa sobre textos literários. De acordo com Paiva (2019), “[...] fazer pesquisa é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno.” (PAIVA, 2019, p. 8-11). Nesse sentido, nossa pesquisa tem como ponto de investigação, como dito anteriormente, a representação do cabelo afro nos poemas “Mulher Negra”, “Cinderela Revolucionária” e “Negra desde menina”, ambos da poeta Jeovânia Pinheiro do Nascimento.

Desse modo, para análise dos poemas estudados, adotaremos como orienta Candido (2006), duas formas de análise sistemática, como recurso: o comentário e a interpretação, pois ambos complementam a outro, como veremos, no decorrer da pesquisa, o dinamismo metodológico com foco principal para os poemas em estudo. Nas palavras de Candido (2006): “[...] tanto no caso do comentário quanto na interpretação, o interesse se focaliza no poema, unidade concreta que limita e concentra a atividade do estudioso.” (CANDIDO, 2006, p. 25). Sendo assim, justificamos que a pesquisa constituída nesse trabalho de conclusão de curso é dada por um processo analítico de leitura e interpretação de poemas específicos que faz diálogo com as teorias apresentadas e com as análises da escrita literária sobre o corpus estudado.

O trabalho está desenvolvido com as considerações iniciais, que contextualizam o corpus de estudo, bem como os objetivos traçados que norteiam a pesquisa, como também os aspectos metodológicos, sendo a seguir este trabalho foi dividido em três capítulos principais. Primeiramente, no capítulo destinado a descrever “A poesia de Re[s]e[x]istência de Jeovânia P.: trajetória bibliográfica”, busca realizar um levantamento sobre a sua escrevivência como mulher e escritora negra em virtude de sua trajetória do percurso na escrita poética, a fim de proporcionar conhecimento com respeito às suas produções literárias e evidenciar a sua poesia.

No segundo capítulo intitulado “O cabelo afro: discussão teórica”, buscaremos tratar do embasamento teórico que norteia a pesquisa acerca da discussão fundamentada de forma analítica, em relação à literatura e o estudo analítico do poema. O terceiro capítulo intitulado “O cabelo afro na poesia de Jeovânia Pinheiro do Nascimento”, constitui-se na seleção de três poemas em análise literária, são os seguintes: Na obra *Re[s][x]istência* (2019), os poemas “Negra mulher” e “Negra desde menina”; e “Cinderela Revolucionária”, contida na obra *II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB: homenagem a Marília Arnaud e*

Lourdes Ramalho (2022). Por fim, apresentamos as nossas considerações finais, destacando os resultados alcançados, e as referências utilizadas.

2 CAPÍTULO: A POESIA DE RE[S][X]ITÊNCIA DE JEOVÂNIA P: TRAJETÓRIA BIBLIOGRÁFICA

2.1 Aspectos bibliográficos

Figura 1: Jeovânia P no Programa “Cena Preta”, da TV Cidade João Pessoa



Fonte: Cena (2023)

Jeovânia Pinheiro do Nascimento, nascida na cidade de Natal/RN, começou a produzir poesia aos nove anos e aos doze participou de atuações teatrais. Aos dezesseis, passou a fazer parte de Movimentos Literários. Sua trajetória pela vida acadêmica começou com o sonho de estudar Filosofia. Então, saiu de sua cidade de origem para trilhar o seu próprio caminho, até se encantar pela literatura.

Em breve, ela se tornou professora de filosofia, obtendo licenciatura, bacharelado e mestrado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Além disso, ela obteve especialização em Educação, Cidadania e Cultura pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Posteriormente, ela cursou Letras pela UFPB Virtual. No momento, ela reside na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, onde tem exercido a carreira de docente por mais de vinte anos. Além disso, dedica-se ao trabalho literário, tendo publicado tanto livros individuais como coletâneas. Ela é atuante no campo da Filosofia e trabalha na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Ela desenvolve trabalhos relacionados a uma variedade de temas, como poesia, Parmênides, ser, ontologia, epistemologia, história da filosofia, música e Platão, sofistas, nova escola e escola tradicional.

A poeta e escritora Jeovânia Pinheiro do Nascimento, adotou como nome artístico “Jeovânia P.”, e quando há questionamentos sobre o seu nome artístico principalmente sobre o uso isolado da letra “P”. E por que só o “P”? Como a poetisa mesmo enfatiza que o seu “P” é

livre, é tudo que sua arte poética descreve e representa, porque para ela, ser escritora de autoria feminina negra “É a luta de todo dia para ser gente”. (Cena, 2023, n.p.). E nessa luta diária de desenvolver a sua escrita poética, a autora publicou algumas de suas produções literárias relevantes para o acervo cultural e poético da literatura afro-brasileira, são as descritas no quadro abaixo.

Quadro 1: Obras publicadas por Jeovânia Pinheiro do Nascimento

Obras individuais	<p>Jeovânia P. Palavras Poéticas. São Paulo: Ixtlan, 2016.</p> <p>Jeovânia P. Poeticamente Entre Versos & Bocas. São Paulo: Ixtlan, 2019.</p> <p>Jeovânia P. A-M-O-R. Belo Horizonte: Sangre Editorial, 2019.</p> <p>Jeovânia P. Quem abriu a boca da pedra? Belo Horizonte: Editora Popular Venas Abiertas, 2019.</p> <p>Jeovânia P. Re[s][x]istência. João Pessoa: editora UFPB, 2020.</p> <p>Jeovânia P. Na estrada da poesia. Belo Horizonte: Editora Popular Venas Abiertas, 2021.</p> <p>Jeovânia P. Olhar. Belo Horizonte: Editora Popular Venas Abiertas, 2021.</p>
Coletâneas que organizou	<p>O Livro das Marias. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan. 2019.</p> <p>Escrituras Negras A Mulher que Reluz em Mim. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan, 2020.</p> <p>O Livro das Marias II. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan, 2020.</p> <p>Escrituras Negras II: As Marcas. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan, 2021.</p> <p>Sinergia. Organização Jeovânia P. E-book. Bayeux: Literatura Feminina, 2021.</p> <p>O Livro das Marias III: Uma força sublime”. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan, 2021.</p> <p>Escrituras Negras III: As Pretas também amam. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan, 2022.</p> <p>O Livro das Marias IV: O Feminino vestido de Fé”. Organização Jeovânia P. São Paulo: Ixtlan, 2022.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A autora desenvolve um projeto literário na plataforma do YouTube, através do canal “Literatura Feminina”, onde mulheres recitam outras mulheres diariamente, valorizando a literatura feminina, e sobretudo enfatizando a escrita de autoras negras. Segundo palavras da autora em entrevista ao canal do YouTube “Cena Preta”, ela faz uma ressalva sobre a vivência como mulher e escritora negra, salientando “Ser mulher negra no universo da literatura é ter a consciência que ou você luta, ou você esquece de si mesmo”, ainda destaca:

É muito mais difícil conseguir espaço pra quem é negro, e se é mulher e é negra, é mais difícil ainda, você vai ter mais dificuldade ainda, porque vivemos em uma sociedade machista e racista, então, é a luta diária para ser você mesmo, e ao mesmo

tempo, para conseguir desenvolver o seu trabalho, e que lhe respeitem para que você não seja vista apenas como objeto. (Cena, 2023, n.p.).

Jeovânia P. desenvolve também um movimento literário na literatura de autoria feminina, com foco na autoria negra. O projeto tem o objetivo de evidenciar a escrita de mulheres que não tem financiamento ao reunir em suas coletâneas escritas literárias de mulheres que ainda não são vistas pelo grande público da literatura, dando oportunidade principalmente para evidenciar as escritoras negras.

A autora destaca que muitas das escritoras negras que publicaram em suas coletâneas sentem a dificuldade de se assumirem enquanto escritoras, pelo fato de serem mulheres negras, ressalta que ao criar esse movimento com o apoio mútuo entre ambas, reconstruiu espaços, ressignificou a escrita, e conseqüentemente o ato de se empoderar, da consciência da sua potencialidade e da sua escrita, resultando em vozes ativas e ativa na literatura.

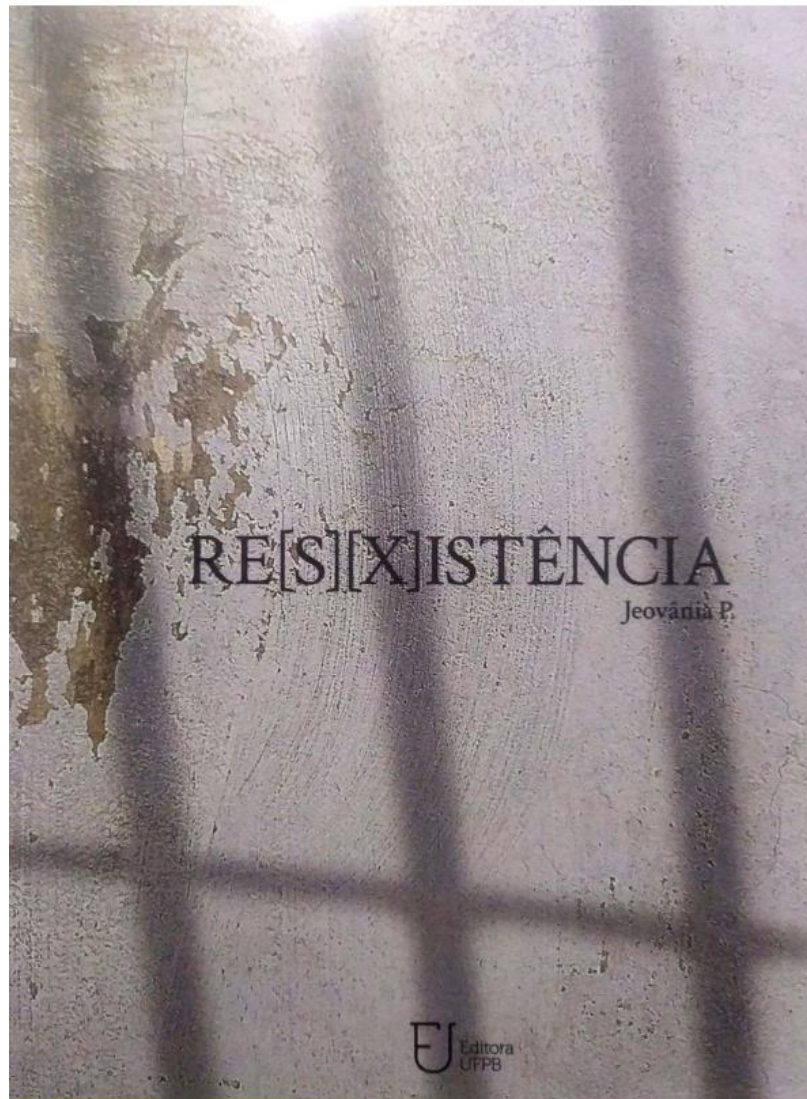
Nesse ano de 2023 a autora esteve em evidência no cenário brasileiro e internacional da arte literária contemporânea. Com o destaque para os poemas “Cinderela Revolucionária”, “África” e “Musa” traduzidos para a língua inglesa em uma coletânea que reúne a produção poética de autoras negras feminina intitulada por “Escrevivências e (R)existências: A poética de autoras negras brasileiras”. Segundo Duarte (2023), a autoria feminina negra expressa concepções e vivências em exaltação e valorização de identidade da mulher afro-brasileira enfatizando sua potencialidade e expectativas, são representativas da subjetividade negra em possibilitar e amplificar o comprometimento político nas produções literárias.

É interessante ressaltar que na escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, a autora tanto evidencia a luta das mulheres negras na sociedade como também em uma de suas obras possui uma temática diversificada, da poesia erótica como “Poeticamente Entre Versos & Bocas”, a poesia de políticas sociais, como também da resistência de ser mulher negra, das memórias de infância, entre outros temas que fazem da sua escrita ser tão abrangente e significada, não aceitando o paradigma da objetificada, seu público é amplo, sem especificidade, sua poesia é para todo aquele/aquela que se permite sentir.

2.2 Aspectos gerais sobre a obra *Re[s][x]istência* e a *II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB*

Os poemas selecionados na presente investigação provêm de duas obras distintas. Uma, de autoria individual de Jeovânia P “*Re[s][x]istência* (2020); e outra, coletiva, *II Coletânea de poesia, cordel, contos e crônicas do IFPB* (2022), cujo texto do poeta figura com outras autorias. Descreveremos, brevemente, a obra individual e, depois, a coletiva.

Figura 2: Capa da obra *Re[s][x]istência*, de Jeovánia P.



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Re[s][x]istência é uma obra de poesia política, composta de temáticas sociais, como a liberdade de ser você mesmo. Seu teor literário representa o enfrentamento diário do ser humano que constantemente precisa comunicar-se e resolver diversas situações. Jeovánia P. nos apresenta uma obra em que o eu lírico expressa a consciência da identidade negra, o empoderamento feminino da negra, autoafirmação e ressignificação do papel da mulher afro-brasileira na sociedade. Segundo Da Silva Souza (2021, p.43), “[...] a escrita de mulheres negras como intensos exercícios de reexistência produzidos no intuito de reescrever e criar uma literatura que exige outras categorias de análise, diferentes das privilegiadas pela crítica literária hegemônica.” É nesse sentido que a obra se desenvolve.

No título da obra notamos que a autora formula uma criação linguística exclusivamente para este livro, a palavra “Resistência” passa a ser configurada em sua escrita poética como

Resistência. Esse novo termo é articulado na literatura de autoria feminina negra na atualidade como destaca Da Silva Souza (2021):

Para as mulheres negras, as artes não implicavam apenas em lazer, sempre se constituíram exercícios contínuos e criativos de ree-xistência, um misto de resistir e re existir, de fundir alegrias e tristezas, cotidiano e sagrado, de ressignificar a própria experiência [...] (Da Silva Souza, 2021, p. 49)

A capa do livro retrata uma parede acinzentada desgastada pelo tempo, com uma parte da pintura descascada com um pouco do reboco a mostra em tom marrom, sobre a parede é sobreposta a sobra de grades em cor preta e na composição visual da capa temos centralizado o título com o nome da autora. Ao visualizarmos a capa do livro e ao realizar uma análise visual da obra, interpretamos que há uma ideia em referência a escravidão histórica, principalmente quando temos a informação visual das grades, nos remetemos aos afrodescendentes que vivenciaram o período escravocrata, está informações visuais, nos permitem a compreensão que desde o passado até o momento atual, o povo negro teve que lutar para resistir.

Concomitantemente, Jeovânia faz uma relação entre a prisão física com a prisão imposta pelos padrões sociais, a objetificação e desvalorização do feminino. E nessa obra a autora trata da resistência do Eu no mundo, daquele ser humano que resisti sobre a sua própria existência, sobretudo a partir de um novo olhar para a mentalidade e subjetividade de ser negro, nesse caso em especial, a mulher afro-brasileira, em que poeticamente a autora apresenta politicamente emancipada e expressa a sua forma de resistir a uma sociedade que oprime e tenta silenciar a sua voz.

No contexto da obra, além dos 49 poemas escritos ao punho de Jeovânia, visualizamos que para atribuir ainda mais a expressão humanizadora a sua obra, esta contém ilustrações de homens e mulheres negras desenhadas manualmente à grafite pelo artista plástico Valderedo Nunes. Em uma arte realista, Nunes expõe imagens marcantes que retratam a realidade social de lutas e resistência do povo negro. Embora as ilustrações desses artistas sejam importantes para a composição estética da obra, a nossa investigação diz respeito à leitura interpretativa dos poemas.

Seguimos com uma breve apresentação da obra que contém o poema “Cinderela Revolucionária”.

Figura 3: Capa da obra II Coletânea de poesia, cordel, contos e crônicas do IFPB



Fonte: Editora IFPB, João Pessoa, 2022 , Disponível em: file:///C:/Users/josec/Downloads/435-Manuscrito%20de%20livro-1407-1-10-20221202.pdf

A presente obra reúne textos de autores diversos em diferentes gêneros literários. A proposta editorial homenageia duas ficcionais paraibanas: Lourdes Ramalho, reconhecida autora de teatro, com obras como *As velhas*; e Marília Arnaud, autora de obras premiadas como o romance *O pássaro secreto*. Ainda, a publicação homenageia o centenário da Semana de Arte Moderna, ocorrida no estado de São Paulo, em 1922, marco referencial para o movimento modernista brasileiro. Quanto à participação de Jeovânia P., ela se dá, apenas, com o texto “Cinderela Revolucionária”.

3 CAPÍTULO: O CABELO AFRO: DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 A poesia como campo investigativo: o estético e o político

A literatura é compreendida como um universo composto por palavras repletas de significações para expressar ideias, histórias e sentimentos no desenvolvimento da arte literária. Entende-se que na literatura, a linguagem poética é uma constante evolução, pois é por meio dela que o ser humano se expressa, fala de si, do outro e do mundo que o cerca, logo, é a “[...] linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (Pound, 2006, p. 40).

Com base nesse pensamento investigamos dentro da literatura afro-brasileira a significância do “cabelo afro” presente nos poemas de Jeovânia Pinheiro do Nascimento. Diante disso, procuramos discorrer sobre o entendimento da literatura contemporânea, com enfoque na literatura de autoria feminina negra e como ocorre o uso da linguagem escrita e a sua função social, apontado por Sousa (2022) “[...] a linguagem evolui, e com ela, a maneira do ser humano se expressar e compreender o mundo.” (Sousa, 2022, p. 19).

Assim, como parte desse universo das Letras, a linguagem escrita será a área direcionada para analisar e discutir teoricamente sobre o corpus em estudo o “cabelo afro” sendo usada como arte literária, o poema, e de preferência o desenvolvimento na escrita poética, buscando compreender como a linguagem poética da autora se expressa sobre o mundo, e como se deu essa progressividade na literatura contemporânea.

Destacamos a autoria negra para que essa voz lírica seja evidenciada e contemplada pela dimensão da sua linguagem escrita. E a relação entre o texto poético e os componentes dessa articulação na percepção da amplitude que é a subjetividade da mulher negra, como poeta. Assim conforme Sousa (2022):

A poesia, para o autor, é a mais condensada forma de expressão verbal. Assim sendo, o texto poético desenvolve modos de promover a sua estesia, percepção do mundo traduzido pela subjetividade de quem escreve, ou a percepção interior exercida por afetos que se materializam no corpo do texto. (Sousa, 2022, p. 19).

Partindo dessa concepção sobre a poesia contemporânea, pela qual será dada ênfase à autoria de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, por qual os seus poemas em estudo, evidenciam a temática do cabelo afro concebida pela voz lírica de autoria feminina negra que compõe a conjuntura dessa atual concepção de expressão da lírica moderna. Sobre isso, explica Brito (2012):

[...] a lírica moderna foge das expressões emotivas na utilização da linguagem, o eu-lírico não dialoga mais com um ser idealizado nem utiliza o poema para exprimir a sua individualidade, como a autora define “na poesia moderna, o sujeito explicitado como “eu” não se refere a uma pessoa particular. A poesia não alimenta nenhuma ilusão de ser um armazém de emoções reais”, na verdade a poesia moderna vem

apresentar-se como espaço de libertação das expressões do eu-lírico. (Cara, 1985, p. 47 apud Brito, 2012, p. 06)

Conforme conceituam e dialogam com as autoras Brito (2012), citando, também, Cara (1985), como referencial dessa ideia, a poesia moderna também tem por característica possibilitar ao poeta o seu lugar de fala mediante o pensamento da liberdade de expressão do eu lírico. É partindo desse pressuposto da liberdade de expressão em caráter literário diante da perspectiva modernista, que a poesia de cunho feminino, em específico nesse intuito a poesia negra, observamos que esta possui uma expressividade carregada de representações. Sendo assim, ao analisar a escrita poética de Jeovánia Pinheiro do Nascimento visamos elucidar como o “cabelo afro” é um ato poético e político nos poemas escolhidos.

Para tanto, no intuito de aprofundar a discussão teórica sobre o cabelo da mulher negra, temática presente na poética da escritora Jeovánia Pinheiro do Nascimento, procuraremos refletir sobre as semelhanças e diferenças na escrita de cada poema e da abordagem estética presente em um símbolo relevante para a afirmação da identidade e emancipação da mulher negra. Diante disso, também buscaremos investigar como ocorreu o processo de aceitação do cabelo afro na cultura negra brasileira, e como esse símbolo da identidade negra tornou-se um ato político na esfera literária. Visto que o cabelo afro, é tido como símbolo de resistência contra a discriminação racial como destaca Gomes e Duque-Arrazola (2019):

A luta contra a dominação, exploração, discriminação racial, de classe e gênero tem levado ao surgimento de diferentes movimentos históricos de lutas sociais e políticas, o que na estrutura do país acabou por provocar a busca de identidade e pertencimento de ser negra/o pelos grupos que estão representando essa população. (Gomes; Duque-Arrazola, 2019, p. 186).

A partir dessas considerações, podemos dizer que o campo da poesia é profícuo para essas manifestações. Percebemos que a obra de Jeovánia Pinheiro do Nascimento está materializada, sobretudo, pontuando os elementos que configuram um dizer entre a raça e o gênero, numa perspectiva de valorização da mulher negra, como veremos mais adiante neste trabalho.

3.2 Uma literatura de resistência no estrado da afrobrasilidade: o cabelo como símbolo

O movimento de luta sócio-histórico-cultural e político é um ato permanente dentro da literatura afro-brasileira. Vislumbramos isso na produção de autoras como Conceição Evaristo, com obras como o livro de contos *Olhos D'água*, Valéria Belém, com o *Cabelo de Lelê*, Cristiane Sobral, com o conto “*Pixaim*”, dentre outras que fazem do corpo das palavras um território de luta, inclusive demonstrando a potencialidade do cabelo como marca da diferença.

Desse modo, como destaca Candido (2006) que discorre sobre a “Literatura na evolução de uma comunidade”:

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação". (Candido, 2006, p. 144)

Sendo assim, diante das afinidades literárias e do engajamento político pelas ideias defendidas pela maioria das autoras negras que fazem parte desse movimento de luta da classe feminina na sociedade que intercede pela dignidade da mulher negra usando o cabelo afro na representação da identidade cultural. Dialogando com as experiências e vivências que oportunizam e mobilizam a liberdade de expressão literária, mesmo sendo pouco visibilizado pela grande indústria editorial, estas mulheres assumem na literatura o seu lugar de fala, a voz da comunidade negra em contraponto ao silenciamento das mulheres negras como um todo.

Desse modo, podemos destacar que esse processo de resistência da população negra de autoafirmação é impactado na literatura, uma vez que a produção de autoras como Jeovánia Pinheiro do Nascimento, vem de encontro com representações hegemônicas da mulher negra. O exemplo disso são poemas de autores brancos como por exemplo Jorge de Lima, com o texto “Nega Fulô” ou letras de canções como “Negra do cabelo duro”, de Luiz Cezar Pereira Caldas. Esses são elementos da cultura que informam uma visão sobre a mulher negra, enquanto componente de objetificação. Ao observar discursos sobre o cabelo afro, de acordo com o pensamento de Gomes e Duque-Arrazola (2019), identificamos a relação social existente nesse elemento estético:

No interior desse processo, tem-se dado um outro: o de resistência racial, assumido e visualizado no crescimento do uso do cabelo afro, sobretudo pelas mulheres negras. Sendo assim, o cabelo como parte de um corpo social, pode ser utilizado para melhor compreensão das relações entre mulheres e homens negros e a sociedade. (Gomes; Duque-Arrazola, 2019, p. 187).

Dessa forma, ancorado ao pensamento das autoras sobre o processo de resistência racial e política representado pelo cabelo afro, que tem se desenvolvido após o enfrentamento aos padrões estéticos e sociais que invisibilizam a população negra. É importante salientar que, atualmente, a aceitação do uso do cabelo afro, sendo exposto na literatura quanto no contexto social passou por diversos procedimentos dolorosos de ressignificação (a escravidão, objetificação sexual, mão-de-obra exploratória, abuso moral e físico, alisamento capilar, racismo e etc.). Só após longos anos de enfrentamentos e de conscientização, a população negra começou a assumir o cabelo afro, antes visto como marca da inferioridade, e atualmente, é visto

como a marca de resistência e expressão identitária da negritude, conforme destaca o pensamento de Ambrosio *et al* (2022):

O cabelo afro natural, como representação máxima da desobediência às normas do liso e loiro eurocentrado, transforma-se em ato político de resistências, empoderamento e reconhecimento de si. Promove autoidentificação e pertencimento, além de celebrar e valorizar a afrocentricidade e amefricanidade como formas possíveis de existir e de ser. Assumir o cabelo afro representa um ato de liberdade do ser, e também se constitui como ato político de reconhecimento e valorização da identidade negra. (Ambrosio *et al*, 2022, p. 474)

Logo, temos na poesia de Nascimento de modo bem representado pelo eu lírico nos poemas, a força da ressignificação e essa aceitação bem-conceituada e consciente, de assumir o seu cabelo e a sua identidade racial com convicção. Porém, para alcançar essa resiliência negra da poesia de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, houve, até a contemporaneidade da literatura afro, um percurso histórico que é pertinente acentuar pelo qual o/a negro/a passou a ser percebido e incluído na literatura brasileira, a partir da sua subjetividade e autoria. Pois, é o/a negro/a escrevendo e contando a história para o/a negro/a, como o sujeito autor de sua própria arte literária.

Desde modo, para que a literatura afro fosse constituída com a abertura de espaços de visibilidade e audição, tendo por saldo a presença e a voz a autora Jeovânia Pinheiro do Nascimento, abordando sobre do cabelo afro como marca de resistência, ocorreu um percurso histórico e literário da escrita de autoria negra na literatura brasileira, sendo relevante para o/a negro/a a apropriação do campo literário com suas próprias palavras, conforme indica Proença Filho (2004):

Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro”. Sendo assim a literatura negra é dividida em dois momentos de sua história, “o negro como objeto: a visão distanciada” e o “negro como sujeito: a atitude compromissada. (Proença Filho, 2004, p. 161-175).

É a partir desse momento que o/a negro/a passa a ter consciência sobre a sua subjetividade de se assumir negro/a, de olhar para dentro de si, de expandir a sua ancestralidade, sua visão do mundo, sua cultura, todos os elementos que compõem a sua história e símbolos que representam esse processo de autoafirmação por meio da arte literária. E umas das artes literárias que será visualizada neste trabalho, é a escrita poética das obras analisadas que compõem essa esfera, que dialogam com todo esse processo de resistência social, empoderamento feminino e ressignificação da subjetividade negra, como uma voz engajada trata em seus poemas, de assuntos de interesse da negritude, como o cabelo afro, que configuram o posicionamento antirracista diante do embate a realidade vivenciada e sobre a

experiência de cada indivíduo, sobretudo, em particular por mulheres e autoras negras. Desse modo, conforme aponta Proença Filho (2004):

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública. (Proença Filho, 2004. p. 176).

Sobre os elementos históricos citados, o que refletimos? Sobre o movimento literário negro, que se inicia a partir de 1915, mas só a partir da década de 1970 é que a literatura afro-brasileira começa a ser constituída com mais ênfase nesse período. Essas ações possibilitam a desconfiguração do papel do negro na ideologia dos cânones literários, sobretudo, das mulheres negras, antes vistas como mulheres sujas, sem cultura e incapacitadas, sempre obtidas para prazeres sexuais e trabalhos domésticos, essa perspectiva passou a ser desmistificada depois que escritores e escritoras afros brasileiros começaram a ganhar espaço na literatura evidenciando problemas sociais e a luta pelos seus direitos, como indica Proença Filho (2004):

São algumas das publicações, entidades e movimentos de posições diferenciadas quanto ao equacionamento do problema, mas todas com o mesmo núcleo de preocupação: a causa do negro brasileiro. Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia. (Proença Filho, 2004. p. 176).

Assim sendo, mediante o que ressalta o autor, tantos os movimentos político-ideológicos e a imprensa criada para a divulgação para a literatura afro-brasileira, foram propulsores para a subjetividade do homem e da mulher afro-brasileiros, após séculos de silenciamento passam a se comprometerem com a sua etnia. Deste modo, ao mencionar esse percurso sócio-histórico, temos por pretensão situar o nosso corpus de estudo ao viés qual este pertence, essas informações são de suma relevância, para o entendimento da nossa temática. Prosseguiremos discutindo como a literatura afro passa a ser integrada nesse universo literário.

A literatura afro-brasileira surge em um espaço literário dominado fortemente pelos cânones literários da elite branca, em sua grande maioria homens. Até meados do século XIX as produções literárias usavam a imagem do/da negro/a de forma estereotipada, quando citado nas obras literárias era apenas como coadjuvante ou realizando algum tipo de serviço braçal, e as mulheres eram vistas apenas como sinônimo de satisfação sexual, na verdade exploração sexual.

Mediante tudo isso havia a necessidade de que a história do negro no Brasil viesse a ser contada pelas vozes negras na literatura brasileira. Sobre isso, conforme afirma Conceição

Evaristo (2009): “Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira.” (Evaristo, 2009, p. 17). São pessoas que com sua vivência colocam-se na literatura, se constroem como personagens com lastro na realidade, afirmando a representação de si e assumindo espaços antes delegados à branquitude.

Assim, a literatura afro-brasileira possibilita a abertura de espaço para as escritoras negras, inserido também nessa corrente a literatura de autoria feminina negra, do qual a autora Jeovânia Pinheiro do Nascimento faz parte abordando em meio a sua escrita poética, poemas que expressam a resistência da mulher negra, a discriminação racial de forma política. Resistir a padronização estética de beleza sobre o cabelo da mulher negra, nos poemas de Nascimento exprimem alteridade, evidenciamos que o cabelo afro em sua escrita poética, visa discutir sobre a ressignificação da imagem da mulher negra sobre as suas próprias escrevivências. Ainda, essa atitude desconstrói a visão racista e preconceituosa que compõe tanto a história do país como a da literatura sobre o uso do cabelo afro.

Desse modo, é a partir da literatura de autoria feminina negra que essa abertura de espaço no meio literário permitiu que mulheres negras falarem sobre si, suas vivências e contassem suas histórias mediante o olhar da negritude, pois, de acordo com os apontamentos de Santiago (2020):

[...] a literatura negrofeminina é uma tessitura de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com políticas de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciar as suas vozes autorais e para, pela escrita, inventarem novos perfis femininos, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas. (Santiago, 2020, p. 216).

Para tanto, é de grande relevância ressignificar a imagem da mulher negra e a sua autonomia na sociedade, tanto nos espaços sociais quanto no âmbito da literatura. Nesse contexto, que engloba a literatura afro-brasileira e a mulher negra, buscaremos analisar a escrita feminina de autoria negra em sua dimensão política e poética e suas contribuições na arte literária contemporânea.

Desse modo, quando damos ênfase a obra de Jeovânia Pinheiro do Nascimento no universo poético feminino denota que temas relacionados à subjetividade da mulher reforçam o engajamento por direitos. A literatura que a autora nos propõe é uma performance literária constituída na alteridade para discutir em sua poesia questões de identidade usando a temática do cabelo para traduzir suas conquistas e percalços de ser mulher e escritora negra em um debate

social e político. Pavani (2009) corrobora com esse argumento ao indicar: “Mais que portadora de sentidos, a literatura é presença. Ao transportar a experiência para a ficção, o escritor assume um papel político e convida o leitor às suas próprias performances.” (Pavani, 2019, p. 104).

Ao debruçarmos na análise e interpretação dos poemas que identificam o cabelo afro/crespo/natural na imagem da mulher negra como um ato poético e político, vislumbramos a performance da escrita da autora carregada da manifestação cultural negra em caráter humanizador. O destaque sobre o cabelo afro é usado como marca da alteridade da expressão feminina negra, como símbolo da denúncia social, pois, antes de chegar até o movimento feminino negro, o cabelo afro era posto pela colonialidade do poder como uma característica imunda e desalinhada, na aparência do/a negro/a.

Ainda sobre o cabelo afro, Oliveira (2016, p. 219) aponta que “[...] o uso [deles] deixa de ter caráter exclusivamente estético, passando a ser também político [...], como também afirma a autora que ao “abordar os símbolos estéticos como também processos políticos demonstram o poder que as mulheres negras vêm adquirindo ao longo da sua história de lutas e resistência.” (*idem*). De acordo com esse pensamento, percebemos que nos poemas da escritora negra em estudo ao tratar do tema cabelo como ato de empoderamento político pela mulher negra. Identificamos que não é o cabelo por si só o próprio poder, pois ele é fio, mecha.

No entanto, ele é sentido, é a ascendência, é a força é a relevância expressada na literatura feminina negra pela voz poética de quem possui uma sucessão de uma diversidade de conhecimentos culturais, estéticos, políticos e literários com respeito às individualidades do povo negro. Nesse sentido, é importante salientar que a literatura apresentada por Nascimento, na qual humaniza sua voz lírica em um viés político, na qual a mulher negra é o sujeito e objeto da escrita, configura ao enfrentamento da constante ruptura de paradigmas contra o racismo.

Contudo, podemos afirmar que sua escrita poética está respaldada nesses dois movimentos sociais que englobam a literatura feminina negra e incorpora na arte literária a marca da representatividade da identidade negra simbolizada pelo cabelo conceituada pelo “Movimento Negro” e o “Movimento Feminista”. Segundo Malachias (2007) citado por Pereira e Thé (2019) salienta a reflexão sobre a temática do cabelo que:

As contribuições advindas do “Movimento Negro” permitem que se questione o eurocentrismo como padrão unificado, com as respectivas imbricações na vida prática: cultura, modos de pensar e de se vestir, parâmetro de beleza, decisões políticas proposições históricas extremamente relevantes no Brasil, dentre outros marcadores; além de possibilitar a visibilidade da beleza multicultural, apropriação da estética afro e representatividade. Por sua vez, o “Movimento Feminista”, ao promover o debate acerca dos papéis desempenhados pelas mulheres, a opressão sofrida, bem como a reificação, ou seja, objetificação do corpo feminino, até então tido como propriedade do homem, permite um estudo crítico das mensagens recebidas e naturalizadas na convivência diária, na mídia, na música, na literatura e outros vários ramos;

promovendo assim, avanços em torno da apropriação corporal e empoderamento feminino. (Malachias apud Pereira; Thé, 2019. p 172)

Sendo assim, esses dois movimentos constituem o aporte de teor político social que reafirma de forma relevante a conscientização do eu negro e o empoderamento da mulher negra. Tais elementos contribuíram, conseqüentemente, para explicar esse fenômeno que é a literatura afro/negra oriundas de tais movimentos que são formuladas em contraponto à hegemonia da branquitude. Esse posicionamento fomenta a construção da identidade negra no embate racial e machista da massa literária canônica.

Dessa forma, a crítica constante efetivada pelos/as negros/as vinculados a esses movimentos sociais em ruptura ao uso do cabelo liso pelo uso do cabelo afro/*black power* passaram a adquirir uma nova mentalidade sobre esse símbolo de resistência a opressão racista, tornando o cabelo o condutor da linguagem carregada de expressividade e significado da identidade negra, como em maior destaque o cabelo *black power*. Sobre isso, destaca Hooks (2005):

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalizavam a obsessão dos negros com os cabelos liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afro, principalmente o black, entraram na moda como símbolo de resistência cultural à opressão racista e foram considerados uma celebração da condição de negros(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos (as) jovens negros (as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade. Há nesse período histórico, um importante momento de exaltação do cabelo crespo negro. (Hooks, 2005, p. 3)

Em meio a essa ação coletiva dos movimentos étnicos raciais, a literatura afro passa a desenvolver e conceituar a reconstrução da imagem da mulher por meio da apropriação estética afro, a representatividade, a valorização do corpo. Então, é por meio dos conteúdos simbólicos, como o cabelo afro que Nascimento descreve a identidade negra na sua poesia. Nesse sentido, de enfatizamos, de acordo com Pereira e Thé (2019), sobre a identidade e o conteúdo simbólico, nos seguintes termos:

[...] tratar sobre identidade implica considerar que ela apresenta um conteúdo simbólico para o indivíduo, torna-se fonte de significados para aqueles que a portam ou deixam de portar. As identidades organizam significados, promovem a ligação de atores sociais com o objetivo de nortear as ações que estes exercem no mundo. (Pereira; Thé, 2019. p. 173)

Para tanto, ao pensar no cabelo afro na escrita poética como conteúdo simbólico carregado de significado na literatura afro-brasileira, bem como na reconstrução da identidade do sujeito feminino, buscaremos analisar como a imagem da mulher negra está diretamente ligada ao seu cabelo, e, que isto, sobressai em outros espaços na sociedade, para além do literário. Diante a representação social que o cabelo afro passou a ser constituído após os

movimentos da negritude, entende-se que este é manifesto como símbolo político de empoderamento no processo cultural. Sobre o cabelo Sabino (2007) ressalta:

O cabelo é utilizado publicamente para comunicar uma variedade de sentidos sociais e pode estar diretamente relacionado às demarcações e às internas delimitações hierárquicas das sociedades [...] sendo um dos símbolos mais poderosos de identidade individual e social, o cabelo consolida o significado do seu poder, primeiro porque é físico e extremamente pessoal; segundo porque apesar de pessoal é também público, muito mais do que privado. As efetivas hierarquias sociais podem ser simbolizadas por intermédio das formas de capilaridade que os indivíduos portam. Gênero ocupação, idade, fé, status socioeconômicos e até mesmo orientação política, além de disposições e gostos pessoais que não deixam de remeter às classes sociais - significam posições na gramática social, radicando-se nas relações de força inerentes às relações pessoais e institucionais. (Sabino, 2007, p. 116-117).

Diante desse exposto o cabelo não é visto apenas como um símbolo estético, mas também pode ser vinculado como uma intercomunicação utilizado pelos indivíduos para expressar a linguagem, a diferenciação entre gênero e nível social, a fim de estabelecer uma relação de uso e aceitação por parte dos grupos que constituem essa identificação como ideal político. Assim, de acordo com Hooks (2005) citado por Ambrosio *et al* (2022) “a aceitação dos cabelos naturais transcende a experiência e a liberdade individual [...]” (Hooks apud Ambrosio *et al* 2022, p. 472). Ou seja, ele apresenta uma potencialidade de representação do coletivo que respeita a ancestralidade.

Diante dessas considerações, se faz necessário investigar na poesia de Nascimento a representação do cabelo afro como um ato poético e político, e como a autora por meio da voz lírica exprime a alteridade negra, enquanto mulher negra e escritora. Sendo assim, ao realizar a análise dos poemas em estudo, podemos destacar que o sujeito feminino, a mulher negra, e o objeto lírico, o cabelo afro/*black power*, é símbolo de resistência e empoderamento expressado nos poemas. Com efeito, Hooks (2005) citado por Ambrosio *et al* (2022) reforça que:

[...] somos convidadas a permanecer em contato com nós mesmas, com nossos corpos a partir da tomada de consciência, como forma política e auto afetiva de empoderamento. Nossos corpos que são, com frequência, inferiorizados, humilhados, desmerecidos, mutilados, pelas ideologias brancas. Corpos e cabelos que devemos celebrar na participação por uma luta libertadora, que liberta nossos corpos, nossas mentes, nossos corações e nossos cabelos. (Hooks apud Ambrosio *et al* 2022, p. 473).

Diante desse exposto, a poesia de Jeovânia Pinheiro dos Nascimento nos convida a conhecer a escrivência como mulher e escritora, e que diante do poema a voz lírica expõe a ressignificação da imagem da mulher negra, como no poema “Mulher Negra” destacando a subjetividade e a exaltação da sua beleza negra e sua imagem estética por meios dos seus cabelos. Continuamente, no poema “Cinderela Revolucionária” encontramos a voz lírica expressando uma mulher empoderada e com uma personalidade forte, disposta a enfrentar qualquer tipo de discriminação para ter o seu espaço. E, por fim, no poema “Negra desde

menina”, temos um resgate à memória da infância e a ancestralidade, como a conscientização negra e ascensão social do gênero. No próximo capítulo detalharemos melhor essas considerações interpretativas.

4 CAPÍTULO: O CABELO AFRO NA POESIA DE JEOVÂNIA PINHEIRO DO NASCIMENTO

O percurso da mulher na literatura, em sua dimensão histórico social brasileira, ocorreu de modo cauteloso, pois, até então, o fazer poético era uma ação realizada nas entrelinhas da sociedade. Isso ocorreu visto que a mulher atuante como escritora usava pseudônimo masculino para não ser descoberta e sofrer represálias por parte da hierarquia social. O campo literário e a linguagem escrita ainda eram uma atividade demarcada pela figura masculina. Sendo assim, a mulher buscava por meio da escrita expressar e comunicar seu íntimo, seus pensamentos sobre a vida e sobre o mundo à sua volta. Sobre isso, Souza (2012) destaca a relação da mulher com a escrita, nos seguintes termos:

A mulher, desde os tempos mais remotos, se propõe como escritora. Pois, a necessidade de expressão e comunicação é intrínseca ao ser humano, e assim como o homem procura se expressar, as mulheres, também buscam a escrita, assim como eles, como meio de expressão artística.” (Souza; Alves, 2012, p. 2)

Porém, com o passar do tempo essa realidade foi modificada através da busca pelo direito da classe feminina. As mulheres começaram a despertar com respeito a sua emancipação na sociedade em diversas partes do mundo, e, no Brasil, não foi diferente. Desse modo, muitas das escritoras brasileiras passaram a desenvolver suas produções literárias ativamente enquanto reivindicavam seus direitos civis como mulher e cidadã, como pondera Souza e Alves (2012):

A emancipação da mulher se inicia com as investidas de muitas escritoras. No Brasil, Coelho (1989), ao tratar da literatura feminina brasileira e suas tendências atuais, monta um quadro que dispõe de três momentos para a emancipação da mulher nas letras em terras brasileiras. Esse quadro refere-se à produção de escrita de criação feita por mulheres no século XX, e é construído de forma escalar, pois demonstra o processo de libertação da literatura feita por mulher, no que diz respeito à sua posição frente à sociedade patriarcalista. (Souza; Alves, 2012, p. 5)

Nesse sentido, ao tentarmos compreender como esse processo emancipatório da mulher enquanto escritora ocorreu em busca da liberdade de expressão e a presença do protagonismo feminino na produção literária brasileira. Para que a mulher pudesse ser vista como escritora, houve a necessidade de enfrentar a submissão e o preconceito, contra a sociedade patriarcalista, posicionando-se para romper com a idealização do papel da mulher. Desse modo, sobre a nova mentalidade feminina enquanto sujeito na literatura brasileira Souza e Alves (2012) destaca:

[...] compreendendo as décadas de 60 a 80, inscreve-se com a consolidação da mulher renovada, liberta dos padrões patriarcalistas. O amor, nas linhas literárias, deixa de ser eixo, dando expressividade a temas existenciais, erotismo, entre outros. E esta fase representa a contemporaneidade da literatura escrita por punho feminino. (Souza; Alves, 2012, p. 5)

Diante desse exposto, buscaremos evidenciar a mulher como escritora, reconstruindo uma nova mentalidade para o ideal do sujeito feminino na sociedade e na literatura. Nesse

contexto, entre a mulher e a literatura, a nossa análise será direcionada para a mulher negra, precisamente, a escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, que representa uma voz lírica da resistência em suas obras.

Ao pensar especificamente na poesia de Nascimento para essa análise nos remetemos ao fato que na contemporaneidade a escrita da mulher negra passou a obter um mais de visibilidade por tratar em suas obras literárias de temáticas que representam a sua expressividade em transpor a subjetividade, a escrevivência, a alteridade, a ancestralidade, a denúncia social. Sendo assim, exploraremos como a escrita poética de Nascimento descreve o empoderamento da mulher negra como protagonista de sua liberdade em aceitar-se como negra, pelo viés poético e político.

Nesse sentido, iremos investigar como cada poema selecionado exhibe a voz lírica feminina diante contexto social que a mulher negra está inserida, e como essa voz lírica expõe de forma poética a atuação. Ao analisar a escrita poética, nesse caso com enfoque, na autoria feminina, particularmente a da mulher negra, percebemos que alguns aspectos da identidade negra, como o cabelo, estão presentes em outras vozes de autoras negras contemporâneas que dialogam sobre essa particularidade da identidade da mulher negra.

Sendo assim, é perceptível que uma autora se apoiasse na outra para prosseguir com a escrita literária, formando uma rede de apoio literária para a emancipação da mulher no mundo das letras, é como buscassem por reafirmação através da poética de outras escrevivências, para assim, de modo coletivo dar continuidade a esse processo árduo e emancipatório da mulher negra.

Para tanto, partiremos do intuito que por meio do nosso corpus de estudo o “cabelo” de nossa pesquisa tem como proposta analisar em específico o cabelo afro, como símbolo da representatividade da mulher negra dentro da escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento. Iniciaremos com a análise do poema “Mulher Negra”.

4.1 Enfrentamentos estético-políticos de uma cacheada “Mulher negra”

Iniciamos nossa leitura interpretativa com o poema abaixo que está presente na obra *Re[s][x]istência*, publicada pela editora da UFPB, no ano de 2019.

MULHER NEGRA

Não abrir mão dos cachos
 Dos olhos saltitantes
 Da curiosidade feroz

Da inteligência aguçada
Do molejo nos quartos

Nem do direito de usar esses lábios pra gritar
Nem de usar esses outros com quem quiser

Não abrir mão de si mesma
Por ninguém
Nem por sociedade alguma

Nunca abrir mão desses peitos fartos
E cheios de sentir

Afinal
Quem leva o fardo e o prazer de ser
Uma mulher negra
É só a mulher negra

(Nascimento, 2019, p. 41.)

Iniciamos comentando o verso: “Não abrir mão dos cachos” (v. 01). Ao analisá-lo percebemos que a escritora faz uma autocrítica à mulher negra sobre a aceitação da sua imagem, quando nos remete à palavra “cachos”, pois muitas das mulheres afrodescendentes, para serem bem-vistas na sociedade, renunciaram à forma natural do cabelo para serem aceitas. De imediato, ao lermos o primeiro verso do poema podemos perceber que o eu-lírico conduz para o leitor uma ideia de empoderamento, em assumir seu cabelo como sua identidade e marca de sua história.

É sabido que ao longo da história cultural do Brasil, do período escravocrata (1535-1888) até os dias atuais, a mulher negra sempre sofreu preconceitos e duras críticas pelo tom de pele e pelo seu cabelo afro. Esses, fora do padrão da sociedade burguesa, principalmente em um país colonizado pela hierarquia política de ascendência europeia. De acordo com Ambrosio *et al* (2022):

A colonialidade produziu e produz rupturas, desagenciamentos, exploração e inferiorização de corpos que não se encaixavam no padrão homem branco europeu, cristão, heterossexual e cisgênero. Os corpos negros foram marcados pelos estigmas, símbolos, representações, marcas, crueldades e violências do sistema colonial imposto pela branquitude. (Ambrósio *et al*, 2022, p. 473).

Culturalmente, esse grupo hegemônico tem imposto um ideal de beleza que lhe espelha: apenas as mulheres brancas representavam a beleza e eram dignas de prestígio. Contrariamente a isso, a poesia de Nascimento, contida no verso aludido, pondera uma negação que abre espaço para a beleza do cabelo afro, ao revelar a necessidade de se impor e de reconhecer sua etnia e de como proceder sem se deixar sujeitar pelo padrão estético de beleza.

Segundo Souza (2018) apud Ambrosio *et al* (2022) a beleza do cabelo da mulher negra se expressa “Através da ressignificação estética”, proporcionando empoderamento, pois, com isso, “[...] essas mulheres também ressignificam as suas vivências, assumem a sua história e ancestralidade, além de construir lugar para a beleza negra”. (Souza apud Ambrosio *et al*, 2022, p. 470). Esse direcionamento da escrita da poeta é uma posição de poder da mulher negra em assumir a estrutura capilar natural do cabelo afro, como um ato de protesto contra discriminação estética racial, fazendo por meio dele um símbolo de luta e de resistência por espaço tanto na sociedade civil como nas artes literárias.

Quando o eu-lírico expressa “Não abrir mão [...]” (v. 01) isso não se refere apenas à imagem estética da mulher, mas também de não aceitar a marginalização da sua cultura, dos seus ideais, da luta por espaço em impor a sua voz feminina, seus direitos. O poema resgata essa força da ancestralidade afro que, mesmo submetidos ao descaso, preconceito e o racismo de uma sociedade machista, são contornados pela literatura, permitidos pela ação de descrever suas “escrevivências” através da voz de liberdade ecoada pelo verso do poema.

Continuando, destacamos o verso: “Da inteligência aguçada” (v. 04). Ao mencionar nele a inteligência da mulher, o eu lírico destaca a sabedoria da feminina em vários campos de atuação, desde a uma simples tarefa do cotidiano até a escrita de um poema. Porém, neste verso, há uma quebra de paradigmas, na qual a mulher negra, antes vista como apenas uma prestadora de serviços domésticos, incapacitada de inteligência culta, sem conhecimento de seus direitos, agora toma seu lugar ativo, enquanto participante e produtora de cultura intelectual.

É importante salientar que na escrita de autoria feminina, a imagem do corpo e de algumas partes dele, como o cabelo, são elementos que compõem o discurso de parte de muitas autoras da contemporaneidade. Segundo Rocha (2016), citado por Ambrosio *et al* (2022), a imagem do corpo da mulher negra, “[...] é, por excelência, informante e transmissor de ideias e valores, experiências e narrativas envoltas de subjetividades que expressam “um lugar de fala”. (Rocha apud Ambrosio *et al*, 2022, p. 470).

O corpo, assim, antes era visto como um símbolo apenas de satisfação sexual, oriundos de uma cultura patriarcal veemente marcada pelo conceito machista de ver a mulher apenas com um objeto de prazer e de trabalho. Esse ideal objetificador do corpo, contemporaneamente, a partir dos modos críticos de ler a sociedade, por uma ótica feminista, tem proporcionado a mudança de padrões. A mulher negra, nesse sentido, assume um corpo pensante, que sempre teve, porém, antes, silenciado.

Aprofundando mais essa questão, com o surgimento movimento feminista, segundo Castanheira (2010) “o conteúdo expresso em revistas femininas publicadas na segunda metade

daquele século¹ atesta que muitas mulheres possuíam uma consciência política bastante esclarecida acerca das desigualdades sociais, raciais e sexuais.” (CASTANHEIRA, 2010, p. 3). A expressão pública dessas mulheres, historicamente, se processou de modo a permitir a introdução na literatura contemporânea uma nova perspectiva para o gênero feminino. O “corpo” antes mencionado em algumas obras canônicas no sentido de expor a sensualidade feminina, agora, com a literatura de autoria feminina, sobretudo, a literatura de autoria negra, é exposto como um símbolo de resistência e luta, de uma classe, antes - e ainda - subalternizada.

Na poética de Nascimento percebemos que o eu lírico possui um posicionamento aguçado sobre a realidade social enfrentada pela mulher negra. Sua escrita literária traduz uma visão ampla do valor estético do cabelo e do corpo e de seu valor, enquanto mulher e pessoa, pois, antes de ser negra, esta é mulher. Ela precisa ser valorizada pelo seu ser, independentemente de sua cor, raça ou crença, tendo pleno direito de ser dona de si, não permitindo atos que possam deixá-la em uma situação inferior.

Nos versos 08, 09 e 10, da 3ª estrofe, percebemos a voz poética posicionando-se politicamente sobre a opressão e segregação realizada pela esfera social em relação à mulher negra, ao comportamento racista, à subalternização. No verso “Nem por sociedade alguma” (v.10), a palavra “alguma” nos revela que socialmente esta mulher negra - tendo o cabelo natural, crespo, ondulado, *black power* - está inserida - seja na universidade, na sua família, nas suas redes sociais, em seu local de trabalho - em um ato de empoderamento feminino, dizendo que precisa estar nesse meio coletivo de forma que ela se sente melhor e livre, sem ser objetificada. “Alguma” traduz a ideia de um lugar, e dentro do aspecto da negação “nem”, aciona o valor da identidade negra-feminina, de encontro aos padrões hegemônicos.

Atualmente, a mulher negra vem ganhando espaço e notoriedade no meio literário, mesmo que seja de uma forma sutil, sem tanto destaque em contraponto da escrita das mulheres brancas. Devido a assuntos como do “cabelo afro”, que evidencia a luta e resistência de uma classe que precisa expor sua voz para ser ouvida, a literatura feminina negra apresenta-se como este caminho, utilizando a temática do cabelo como um dos argumentos nessa esfera para dialogar dentro do campo poético e político.

Para tanto, na última estrofe do poema, no verso “Afinal” (v. 13), o eu lírico ressalta essa palavra neste para concluir a contextualização do trecho, reafirmando o posicionamento da mulher negra com relação ao seu eu com o mundo, a história, a cultura, o passado e presente. Ainda, no verso “Quem leva o fardo e o prazer de ser” (v. 14), a voz poética faz uma comparação

¹ Nesse trecho, Castanheira (2010) trata do século XIX.

entre o polo do enfrentamento e do prazer, iniciando com o termo “fardo”, caracterizador dos preconceitos e das violências vividos por mulheres negras, pelo simples fato de serem negras.

Seu ponto de diferença, cujo conteúdo é expectado como característica diferenciada das mulheres brancas, dentre outros elementos, é o cabelo. Este, até então, pode ser considerado um assunto banal (banalização, quase sempre, significada por pessoas brancas de conduta racista), porém, é de suma relevância a manifestação desse item estético na literatura feminina negra. A valorização positiva dele é fundamental para que sejam abertos espaços de diálogos a esse respeito, pois é, inclusive, por meio dessa expressão poética, que é eles constituídos politicamente, proporcionando a diversidade dos direitos emancipatórios da mulher negra na sociedade civil. Dentre eles, está o direito ao bem-estar e ao reconhecimento de sua diferença sem estereotípias.

Ainda, sobre o entendimento do contexto do verso (v. 14), a palavra “prazer” vai ter um sentido oposto ao significado da palavra “fardo”. Primeiramente, a palavra “prazer” nesse poema não está ligada à questão sexual, a qual culturalmente liga-se à imagem da mulher negra, sob o aspecto da objetificação. Isso é um fato devido ao período da colonialista, no Brasil, no qual, historicamente, muitas mulheres sofreram com a violência e o abuso sexual atrelados à sua condição de raça.

Neste sentido, a palavra “prazer” está relacionada ao longo processo de libertação do racismo na esfera social brasileira. Sendo assim, tendo a liberdade de ser quem é, da aceitação de sua cor e do seu cabelo afro, impulsionou-se uma nova mentalidade sobre a imagem da mulher negra, e, conseqüentemente, do uso do seu cabelo natural. O poema de Nascimento celebra essa conquista, pondo em marcha um discurso poético e político traduzindo sócio historicamente essa luta.

Nesse âmbito, o poema nos proporciona uma reflexão de como a mulher negra tem sido rotulada negativamente e objetificada por seu cabelo diferenciado. Isso engloba o dissabor do processo árduo de resistência da negritude no Brasil, que, mesmo apesar de tantos percalços em sua trajetória, atualmente, a mulher negra logra de uma nova concepção sobre a sua imagem, sobre seu cabelo e tendo autonomia, conquistando direitos igualitários. Inclusive, existe hoje um processo em andamento para a aceitação da própria população negra em assumir a forma natural dos seus cabelos, como ato político de expressão social e, também, poético (pensando aqui na multiplicidade de modelagem desse elemento biossocial, assumindo variadas formas, como uma licença poética) da classe feminina negra.

Contudo, é evidente que a literatura negra feminina, com ênfase para a poesia de Nascimento, possui um elo que transcende as gerações antepassadas e a atual de mulheres

negras autoras. Elas, em suas vozes que traduzem o coletivo, reuniram suas escrevivências e expectativas, para assegurar e preservar a valorização da autenticidade e identidade da mulher negra. Utilizam-se, para tanto, da palavra como recurso de expressão poética e política e incluem o cabelo afro em obras para legitimar sua diferença. Essa voz plural que discute o respeito da representatividade e antirracismo é colocada em destaque em obras não-canônicas, como na de Nascimento, no texto aqui explorado.

Na contextualização do poema percebemos uma visibilidade para a questão do cabelo afro. Sendo assim, manifesta-se no texto uma ruptura de paradigmas na linguagem do eu lírico, desencadeando e empoderamento de mulheres negras da concepção da sociedade burguesa e branca. Nessa, só o cabelo liso é belo e o afro é “inferior”, “ruim”, “pixaim” e tantos outros rótulos racistas que culturalmente aprisionaram mulheres negras em um processo doloroso de transição capilar para serem aceitas e bem-vistas em todos os setores da sociedade.

Com a modernidade, o movimento negro vem se articulando para promoverem ações que rompem com esse conceito racista, dirigido ao cabelo. Isso está traduzido, sobretudo, entre poemas da literatura de autoria feminina negra, como pode ser percebido na escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento. Busca-se como desconstruir com a ideia equivocada de que o cabelo da mulher negra é “duro” e “feio”, destituído de beleza singular. Desse modo, atualmente, escritas como a de Nascimento nos instiga a repensar atos e pensamentos racistas.

Desse modo, a escrita poética de autoria negra proporciona uma nova mentalidade na esfera social, política e literária, relacionada à subjetividade feminina negra fazendo uso da imagem do cabelo. Neste caso, o “prazer” de ser negra e de assumir o cabelo afro como símbolo de autoafirmação e representatividade da identidade, destacando uma nova perspectiva na literatura contemporânea pela presentificação criadora das poéticas não-canônicas.

Continuamos nossa análise com o trecho abaixo:

[...]
 Afinal
 Quem leva o fardo e o prazer de ser
 Uma mulher negra
 É só a mulher negra

(Nascimento, 2019, p. 41)

Ainda na última estrofe dos dois últimos versos deste poema, percebemos que o eu lírico reafirma a autonomia da mulher negra. Essa visão, exposta pela escrita de Nascimento, se dá pelo fato dessas mulheres manifestarem seu modo particular, a expressão de sua singularidade. Os versos expõem com obstinação o enfrentamento desse tipo de preconceito dirigido ao

cabelo, bem como outros vinculados à imagem biossocial desse feminino. Porém, é o cabelo o plano de fundo para marcar a diferenciação das outras mulheres pela cor da pele e pelo cabelo.

Por fim, podemos dizer que o poema “Mulher Negra”, de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, destaca o cabelo da mulher negra como um símbolo da representatividade étnico-racial da negritude afro-brasileira, tanto poeticamente, enaltecendo a beleza, a resiliência e a resistência da atitude do feminino negro, como politicamente, ao contrapor o racismo e a pouca notoriedade da mulher afro no espaço literário. Toda a composição do poema é configurada de modo instigante, tendo em vista o empoderamento das mulheres negras, contribuindo de forma pertinente no processo de reconhecimento e da valorização dessa identidade.

4.2 O *Black Power* de Rainha e o Batom Roxo de uma “Cinderela revolucionária”

Seguimos nossa leitura interpretativa com o poema abaixo, contido na antologia *II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB: homenagem a Marília Arnaud e Lourdes Ramalho* (2022), organizada por Rosa Samara Silveira *et al.*

CINDERELA REVOLUCIONÁRIA

A Cinderela aqui
 É revolucionária
 É rainha
 Não é princesa
 Não!
 É filha de mãe África
 Leva nos peitos fartos
 A origem do mundo
 A certeza de si
 Do seu poder
 E de toda sua ancestralidade
 A Cinderela aqui
 É revolucionária
 Usa black power
 Batom roxo
 Faz seu próprio caminho
 Não deve
 Nem obedece
 A ninguém
 As linhas que escreve são suas
 As entrelinhas?
 São tudo que essa Cinderela tem para o mundo

(Nascimento, 2022, p. 17)

O poema “Cinderela Revolucionária” é mais uma releitura das diversas existentes, dentro do universo literário do conto clássico da “Cinderela/Gata Borracheira”, de Charles

Perrault (1697). A versão escrita em estrutura de poema por Jeovânia Pinheiro do Nascimento, mediante a perspectiva da literatura afro-brasileira, aborda a etnia, a ancestralidade e o empoderamento feminino. E, assim, como o conto clássico da Cinderela, o poema também é rico em simbologias.

A Cinderela clássica, supostamente sendo branca (elementos que interpretamos a partir da sua imagem associada ao borralho, fruto do trabalho doméstico exaustivo), ficou órfã, sem recursos financeiros e se encontrava marginalizada, em uma situação de subordinação, de maus tratos, inferiorizada pela madrasta e as irmãs. Diante disso, a única oportunidade de mudar de vida para aquela época, era a ideia de um bom casamento. Nesse caso da história, tínhamos um príncipe encantado e um final feliz.

No entanto, o poema em análise, ao começar pelo título do poema “Cinderela Revolucionária”, de imediato, temos um questionamento: por que Cinderela Revolucionária? Para expandir o nosso entendimento sobre a visão de como a Cinderela tornou-se revolucionária, neste poema em específico, no qual é totalmente o oposto da Cinderela clássica, buscaremos compreender através do eu lírico as nuances do trato revolucionário do sujeito lírico evidenciado nesse poema, respaldando-nos na literatura afro-brasileira e na literatura feminina negra. Neste seguimento, o sentido da palavra revolucionária nessa conjuntura remete a uma percepção transformadora do contexto literário e social, a partir do poema Jeovânia Pinheiro do Nascimento.

Para tanto, buscaremos analisar e comparar o perfil de cada Cinderela aqui mencionada, de acordo com a sua subjetividade e identidade. A Cinderela de Perrault (1697) foi idealizada para impor uma ideologia social para aquela época, em seu aspecto cultural e literário, visto que a personagem da Cinderela é fantasiada por muitas meninas/adolescentes/mulheres que sonham em ser e ter uma história como a narrativa do conto de fadas. Mas, o fato é que todo esse cenário ficcional, por longos séculos, só pode ser sonhado e almejado por mulheres brancas.

Deste modo, é evidente que as mulheres negras historicamente não tiveram na literatura alguma personagem que a representassem como heroínas, princesas, rainhas ou protagonistas de alguma obra literária. Porém, essa realidade aos poucos foi sendo mudada com a partir das obras como as da literatura afro-brasileira.

É importante salientar que com essa análise poética identificamos que a Cinderela do conto, foi do início ao fim, uma personalidade elaborada para ser uma personagem cativa, dependente, moldada aos costumes da sociedade burguesa. Sua performance social tinha como

intuito agradar a coletividade, e, para tanto, necessitou de alguém para poder ser evidenciada, nesse caso, a fada madrinha. Esta, surge para lhe dar a oportunidade de ir ao baile.

Além dela, destacamos a figura do príncipe que lhe tira de uma vida medíocre e lhe oportuniza o *status* de princesa. Segundo Cademartori (2006, p. 36) “O trabalho de Perrault é de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia.” Assim, de acordo com a autora, o intuito do autor do conto da Cinderela era representar “[...] à moda feminina, em Cinderela [...]”, para referenciar sua ideia foram usados como símbolos dessa temática, o vestido e o sapatinho de cristal.

Para a sociedade da época, os contos possuíam um cunho pedagógico e, nesse caso, o intuito era de educar como uma dama deveria se apresentar de acordo com a moda diante da sociedade. Diferentemente a esse ideário, o poema “Cinderela Revolucionária”, de Nascimento, traz à tona uma realidade diversa do conto. Isso é evidente, pois a escrita de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, como tantas outras escritoras negras, é constituída, de modo expressivo, por uma literatura que pratica a denúncia social, principalmente em tratar de temáticas como o uso do cabelo *Black Power*.

O eu lírico expõe uma Cinderela que se assume negra, com seu cabelo *Black Power* oriundo da ancestralidade de matrizes africanas, quando o eu lírico destaca o “Batom roxo” (v. 15) demonstra que esta Cinderela, está pronta para enfrentar o mundo, romper os padrões sociais de beleza e ideológicos, no enfrentamento do racismo, seja pelo formato de seu cabelo, pela cor da sua pele ou pela cor do seu batom. Deste modo, a Cinderela negra, de acordo com o poema é uma mulher que carrega consigo autonomia e autenticidade, e, contudo, o uso do batom ROXO torna-se relevante no sentido da autoafirmação da identidade negra, pois o simbolismo da cor roxa está atrelado ao poder.

Segundo Heller (2013), o roxo sinônimo de violeta, mediante seus estudos sobre a psicologia das cores, “O violeta tem um passado grandioso. Na Antiguidade, era a cor dos que governavam, a cor do poder. Esse tom de violeta é a púrpura.” (HELLER, 2013, p. 360). Sendo assim, o uso do batom roxo na boca de uma mulher negra, que usa cabelo *Black Power*, torna-se ainda mais impactante, pois chama muita a atenção, notando ainda mais a tonalidade de sua pele, sua cor, promovendo resistência, dizendo para o mundo que está se posicionando politicamente como mulher negra, a partir dos elementos simbólicos que a emancipam.

Deste modo, ao caracterizar a Cinderela representada no poema de Jeovânia Pinheiro do Nascimento, com o seu batom roxo/violeta, e respaldados em Heller (2013), ao afirmar que “[...] – o violeta é percebido como uma cor extravagante [e] quem se veste de violeta quer

chamar a atenção, distinguir-se da massa.” (HELLER, 2013, p. 370), compreendemos que esse elemento simbólico é compatível com a ideia de empoderamento feminino e de reconhecimento político.

A personagem Cinderela apresentada pelo eu lírico afirma que é “rainha”, e não princesa. Visto que a rainha é a soberania do poder; enquanto a princesa ainda espera a sucessão ao trono. No sentido figurado a autora, traz à tona mais um embate a realidade social vivenciada por mulheres negras: a de serem protagonistas de suas próprias histórias.

A cinderela deste poema é NEGRA, que usa cabelo *BLACK POWER*, com status de rainha, não mais, escrava, servil, empregada etc., ou tantos outros rótulos racistas que tentam subjugar e inferiorizar o estado emancipatório da mulher negra. Esta Cinderela revolucionária afro é a personificação atual da mulher negra. Sua conduta manifestada no poema demonstra uma “escrita do eu”, da literatura de autoria feminina negra que se autoafirma. Esse elemento destaca-se na escrita poética da autora fundamentando-se, discursivamente, nos movimentos negro e feminino, e, também, na descrição da pluralidade da vivacidade da raça e a superação das adversidades.

Como reconhecimento do seu “eu negro”, no mundo contemporâneo, o eu lírico faz uma exaltação a sua terra de origem, a mãe África: “É filha de mãe África” (v. 06). Nesse verso do poema, a ancestralidade é evidenciada, visto que, é de suas origens africanas, de sua etnia, que vem o vigor e o estímulo para os desafios do cotidiano, em um país desconhecido, que de forma cruel manteve o/a negro/a por mais de um século privado de ser ele/a mesmo. Sendo silenciado e sujeitado seguirem os padrões estéticos da burguesia branca.

No processo de ressignificação da Cinderela, nesse caso, em que se assume rainha e protagonista de sua história, expressa na escrita da autora, é perceptível a superação da mulher negra e de seu empoderamento. O conceito de ser a princesa só fazia parte do acervo cultural da hegemonia branca. Porém, a cinderela negra e que usa *black power* idealizada no poema, é uma ativista do feminismo negro como destaca nos versos: “A certeza de si” (v. 9), e em “Do seu poder” (v. 10).

Para tanto, não podemos deixar de mencionar o nome da escritora Carolina Maria de Jesus, a sua trajetória pela vida e pelas artes literárias, deixando um legado na literatura brasileira contemporânea e, sobremaneira, na literatura afro-brasileira como propulsora da escrita da mulher negra no mercado literário. As características de vida pessoal dialogam com a análise desse poema, pois Carolina Maria de Jesus em suas escrevivências foi uma Cinderela revolucionária, conforme indica Machado (2006), tão quanto ao eu lírico de Jeovánia, pois a escritora mineiro-paulista ao ser descoberta por sua escrita inédita, se encontrava em uma

situação de vulnerabilidade social, tida como uma “negra favelada” e logo depois considerada como “Cinderela Negra”, após a publicação de sua obra de maior visibilidade *Quarto de despejo*, publicada inicialmente em 1960.

Nesse sentido, tanto a Cinderela real que foi Carolina Maria de Jesus quanto a Cinderela Revolucionária de Jeovânia Pinheiro do Nascimento são concebidas em meio às lutas de resistências e de reconhecimento de sua identidade visando que a expansão da sua voz no âmbito literário, social e político seja ouvida e considerada. Dessa forma, quando o eu lírico para reafirmar seus valores e expõe a denúncia social, mediante a luta antirracista para poder ostentar o uso do *Black Power*, no verso “Usa black power” (v. 14). Nele, manifesta com o seu cabelo, um ato revolucionário, na vida da mulher negra, ressignificando sua autoestima, sua ancestralidade e o seu modo de ser ver no mundo.

O cabelo *Black Power* descrito no poema provém mostrar a resistência da mulher negra e o poder da sua cor quando exaltado os traços da beleza e da virtude de sua etnia, indo contra o conto clássico da Cinderela, onde ela mantinha-se refém do clã familiar e da sociedade, mesmo possuindo os requisitos de beleza ao seu favor.

O eu lírico de “Cinderela Revolucionária” reforça sua origem com orgulho, bravura e agradece por não fazer parte de uma massa que apenas obedece às imposições feitas pelo preconceito alheio. Diante de uma sociedade que cada vez mais julga aquele que a confronta, enfrenta e não se reprime, esse poema aproxima a ideia de que somos e podemos sermos diferentes, cada um com as suas particularidades.

Sendo assim, o poema configura como a fuga dos padrões que são impostos pela sociedade, é a pura força, enquanto no conto de Perrault há apenas a submissão e o retrato da hierarquia da classe dominante, na qual a mulher foi idealizada ao longo de muitos séculos como apenas para o casamento ou ser uma boa dona de casa. Porém, a Cinderela negra que usa *Black Power* deste poema, rompe com todos os padrões, é dona de si, empoderada ao máximo e dita as suas próprias regras, pois expressa muita autoconfiança em assumir seu cabelo e evidenciar os traços de sua ancestralidade.

Desse modo, a escrita poética sobre a ótica da literatura afro torna-se um ato político ao usar o cabelo *Black Power* como tamanha representatividade. Para o negro/a cabelo é símbolo de resistência, luta, enfrentamento, a desconstrução do racismo e a democratização política do sujeito negro nas diversas camadas sociais. O cabelo *Black Power* durante muito tempo foi rotulado como “malcuidado”. Não se via uma negra ou negro com seu *Black Power* assumido. Historicamente, isso veio ocorrer a partir do “Movimento Black Power” (1960), *slogan* político que ganhou força e proporções em todo o mundo na luta igualitária dos direitos civis das pessoas

de ascendência africana contra o racismo, que perpassou o contexto afro-americano sendo adotado também em outros países que possuem identidade negra.

Par tanto, o cabelo *Black Power* é instrumento de resistência e cultura, que desde a década de 1950, foi adotado pelos negros como ferramenta de autoafirmação, sobressaindo a beleza estética, mas uma conexão com sua personalidade. O que, atualmente, é símbolo de conquista, de poder e de aceitação pelo qual já foi por muito tempo visto como algo feio, nojento, escandaloso e bagunçado.

Nesse sentido, o eu lírico no verso “As linhas que escreve são suas” (v. 20) apresenta a singularidade do percurso da escrita literária feminina de autoria negra. Nisso, revela o quão importante é essa conquista de voz e espaço para a literatura afro-brasileira. Autoras como Jeovânia Pinheiro do Nascimento, que alcançaram seu lugar de fala no universo literário diante da perspectiva do olhar da mulher negra sobre si, expõem suas experiências no mundo e os conflitos sociais existentes. Segundo Sevcenko (1999), nessa lógica de produção literária política, “[...] todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é deles que eles falam.” (SEVCENKO, 1999, p. 20). Assim, o posicionamento criativo não serve apenas para um diletantismo, muitas vezes pintado com a fisionomia branca, mas assim, para a militância através da palavra poética.

A voz lírica da autora Jeovânia Pinheiro do Nascimento compreende a articulação em seus poemas da sua realidade social como autora e mulher negra. Nisso consiste, de um lado, a sua expressão poética, e, de outro, a subjetividade e a alteridade de ser escritora negra, ampliando ainda mais a perspectiva da mulher negra. Pois, trata-se de uma mulher negra escrevendo para a mulher negra que transborda em liberdade e ressignificação no campo das Letras e, por extensão, na sociedade.

Desse modo, neste poema “Cinderela Revolucionária”, o eu lírico oportuniza contar a história da Cinderela negra que revolucionou o seu espaço com o seu cabelo *Black Power*. Ponderamos isso, visto que a representatividade dada ao cabelo afro nesse poema é significativa, dada a evidência que a escrita poética negra trouxe para a esfera social e literária, um mundo de redescoberta e de empoderamento usando como instrumento o cabelo *Black Power*. São as mulheres negras que assumem com grande relevância o ativismo e o protagonismo desse movimento político.

No último verso do poema, quando o eu lírico expressa “São tudo que essa Cinderela tem para o mundo” (v. 22), ele reafirma de forma consciente e decidida o seu posicionamento político. O conteúdo disso revela o seu lugar no mundo, assumindo a sua cor, seu cabelo *Black*

Power, e a visão autônoma sobre o seu próprio eu e sua maneira de reagir diante da padronização da estética e do preconceito. Porém, para que a mulher negra assumisse o seu cabelo houve todo um processo de ação política e de conscientização racial, como aponta Pereira (2019, p. 178) citando uma reflexão de Hooks (2005) sobre o movimento *Black Power* e o cabelo afro:

[...] nos anos 1960 os negros que se empenhavam no trabalho de crítica e desconstrução do racismo branco apontavam a face colonizada presente nos alisamentos capilares. Esses negros, em sua maioria militantes, utilizavam o próprio cabelo natural ou com penteados afros, de modo a expressá-lo como símbolo de resistência à opressão racista, reafirmando sua condição negro(a). Nesse contexto, o cabelo *black* era imbuído de significação política. (Hooks apud Pereira, 2019, p. 178)

Sendo assim, diante dessa realidade, ao colocar como temática o cabelo *Black Power* em pauta nesse poema, é visto que a escrita poética lança uma reflexão sobre a aceitação de forma autônoma e empoderada da mulher negra com o seu uso. Pois, durante todo o poema, é evidenciada a postura de resistência pela qual a sua valorização estética seja reconhecida na sociedade.

Portanto, ao finalizar o poema com verso 22, essa afirmação expressa pela voz lírica salienta o quanto é relevante o posicionamento da mulher negra como participante ativa nas diversas áreas sociais e nos textos literários como heroínas, princesas, cinderelas ou escritoras de obras literárias. Por meio da leitura desse poema verificamos que essa visão crítica da autoria e do protagonismo dessa mulher torna-se ainda mais ampliada no universo literário, proporcionando empoderamento a outras mulheres, independentemente de sua raça, crença, gênero ou estrutura capilar. Essa ação estético-política da escrita poética de Nascimento utiliza a imagem da “Cinderela Negra” para confrontar as ideologias hegemônicas e não-canônicas, como também o embate a discriminação racial e a estética do cabelo.

4.3 O ato de reconhecer-se “Negra desde menina” com seu *black power* ao vento

Nossa terceira intervenção de leitura foi pautada pelo poema abaixo contido na obra *Re[s][x]istência* (Nascimento, 2019).

NEGRA DESDE MENINA

Quando bem menina
Enfiava o dedo no nariz
Para alargar
Ficar mais negroide

Quando menina
Andava nos ônibus

Com a cabeça para fora da janela
Para o vento assanhar
Para o cabelo ficar mais black

Quando comecei a guardar as
palavras
Ouvia a minha avó dizer
Que eu não tinha alma
Que negro não tinha alma

Quando eu olhei no espelho
Vi uma princesa
Uma semideusa negra
Olhando para mim

Era eu
Era eu

Tomei gosto pela imagem
Pelo cheiro
Pelo meu sabor

Botei a cara no vento
Ao sol da vida
E segue como qualquer
guerreira segue

Forte
Altiva

Mesmo por engano
alguém me pedi o cardápio
Digo –Não, seu moço, sou uma cliente como você –
Isso acontece

É que ser negro
Negra
É mais que uma cor
É resistência
Pela dignidade e igualdade
humana

A consciência nos chega quando
nos enxergamos
Mas os outros para nos verem
Precisamos ensinar

(Nascimento, 2019, p. 47)

O intuito de analisar esse poema “Negra desde menina” na nossa pesquisa está em evidenciar a importância da conscientização negra desde a infância, a partir do cabelo afro.

Assim, apontaremos na interpretação desse poema como a escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento configura em um ato poético e político, tendo em vista a trajetória de vida das mulheres negras, inclusive observando perspectivas intergeracionais de consciência racial. Veremos que além de utilizar a imagem do cabelo afro como valorização da identidade negra, a autora aponta outros fatores que contribuem na formação de uma educação antirracista.

Logo na primeira estrofe o eu lírico expressa: “Quando bem menina/ Enfiava o dedo no nariz/ Para alargar/ Ficar mais negroide” (v.1-4). Nesse trecho, a autora faz o resgate da memória da idade pueril ao usar a imagem da menina para demonstrar o empoderamento feminino desde a infância. Isso é expresso pelo eu lírico no primeiro verso: “Quando bem menina” (v. 1).

Desse modo, para a menina do poema essa atitude de tentar alargar ainda mais o nariz, demonstra o quanto ela se reconhece como negra. E, ser negra para ela, é algo belo e de muito orgulho, pelo qual a menina não tem medo e vergonha que sejam tão destacados. Pois, com esse comportamento torna ainda mais evidente a sua negritude, correspondendo a consciência dos traços herdados da ancestralidade de sua raça de acordo com a palavra “negroide”, que é oriunda de África.

Na segunda estrofe do poema, “Quando menina / Andava nos ônibus/Com a cabeça para fora da janela/ Para o vento assanhar/ Para o cabelo ficar mais black” (v.1-5), podemos analisar que a autora elucida a simbologia do cabelo afro como marca política, assim como fez nos outros poemas analisados, “Mulher Negra” e “Cinderela Revolucionária”. Os versos a seguir, “Com a cabeça para fora da janela” (v. 3) e “Para o vento assanhar” (v. 4), são expressos como mais uma demonstração de empoderamento pelo uso do cabelo afro, no lirismo dos versos expostos acima: para menina ser assim, assumidamente negra, e se ver como uma atitude livre de ser quem é, e sem se importar com o juízo de valor.

Quando a menina ao colocar o cabelo ao vento para que com interesse fique ainda mais volumoso, chamando a atenção para o seu cabelo de forma explícita no ato de romper com a ideologia histórica social de que o negro para ser aceito e bem-visto pela sociedade era necessário negar-se a si mesmo. Nisso reside uma necessidade de ampliação do que está no interior do eu lírico. Colocar-se para fora, para além dos limites da janela, de seu umbral, é uma atitude de resistência, cujo elemento de ancestralidade torna-se conteúdo de ostentação, comunicado pela atividade da menina que demonstra nisso sua consciência de raça. No verso “Para o cabelo ficar mais black” (v. 5), confirma pelo eu lírico a expressão política do cabelo afro ou *black power*. Segundo Gomes e Duque-Arazola (2019),

[...] muitas mulheres negras fazem questão de assumir sua identidade racial, principalmente por meio do cabelo, que se torna não só um elemento de beleza, mas um elemento político da negritude, destacando o uso do black power, afirmando também seu lugar na sociedade. (Gomes; Duque-Arazola, 2019, p. 199).

Diante disso, entende-se que a menina usa cabelo *black power* assumido, no qual a avó fazia questão que ela escondesse, pois assim esconderia a sua marca identitária e política, como podemos analisar na terceira estrofe: “Quando comecei a guardar as/ palavras/ Ouvia a minha avó dizer/ Que eu não tinha alma/ Que negro não tinha alma” (v. 1-5). Nela, identificamos pela expressão do eu lírico nesse trecho duas perspectivas diferentes com relação a ser negro. A primeira refere-se a tomada de consciência pelo eu lírico (menina empoderada), uma visão antirracista da imagem alienada sobre esse processo ideológico, como destaca Souza (1983):

Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 1983, p. 77).

Desse modo, fica manifesto na voz lírica nos versos 1 e 2, quando a menina passa a compreender sobre seu lugar no mundo, ela já tinha plena consciência de sua identidade negra. Entretanto, nos versos 3, 4 e 5, o eu lírico expressa o julgo racista internalizado na avó, a segunda perspectiva ao qual indicamos acima. Essa figura feminina, representante da tradição familiar, a matriarca, tem em sua constituição a figuratividade de palavras que traduzem herança colonial, o discurso racista idealizado para os descendentes de negros escravizados, de que o negro não tem valor, não é gente, tão enraizado na nossa cultura brasileira.

A partir do que pondera Malafaia (2018), podemos dizer sobre o discurso da avó expressado no verso, “Que negro não tinha alma” (v. 5) que ele é um “[...] discurso silencioso do racismo: primeiro a desvalorização de um aspecto - os traços negroides - e, posteriormente, a exaltação de outro aspecto - as características do homem branco.” Com isso, observamos que a avó da menina ainda se enxerga na posição de uma pessoa marginalizada e desvalorizada pela sociedade. Identificamos nesse verso, que o discurso da avó é padronizado pela estética de branqueamento e pela imposição política do silenciamento.

Visto que, no poema, a menina é representada pela voz lírica, ao deixar esvoaçar o seu cabelo black confirmando que o seu discurso “[...] sobre a importância do cabelo na composição da estética negra, são temas de imagens aproximativas, contrativas e de conteúdo político, em que os cabelos considerados bonitos são geralmente os lisos e comprido”. (Gomes; Duque-Arazola, 2019, p. 198). Assim, o eu lírico elabora outra figuração de si, fora dos padrões estéticos que se fundamentam na estereotipia sobre a pessoa negra, cujos cabelos precisam de “alisamento” para tornarem-se esteticamente aceitáveis.

Diante disso, sobre essa relação estética do cabelo da mulher negra que começa na infância entre esse dilema de aceitação e branqueamento da figura feminina como destaca Gomes (2002) a seguir sobre a experiências de rituais de manipulação do cabelo da menina negra, no caso da menina do poema, a mesma não passou por tal processo como é apresentado mediante a escrita poética, o cabelo da menina é exposto em seu modelo livre e natural, mas termos a figura da avó que não aceitava como o cabelo era usado pela menina. Ainda, sobre isso, Gomes (2002), pontua:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. (GOMES, 2002, p. 43)

Para tanto, mais uma vez na sua escrita poética Nascimento expõe realidades politicamente distintas, mesmo se tratando da mulher negra, vislumbramos duas expectativas que se contrapõe, a mulher negra empoderada (menina) visão moderna, e a mulher negra submissa (avó) visão retrógrada, da qual não se aceita como negra tendo desprezo pelos ideais da defesa pela equidade racial. Aceitando a imposição e subordinação, e o silenciamento do racismo e conseqüentemente fazendo parte desse discurso.

Em seguida, na quarta estrofe “Quando eu olhei no espelho/ Vi uma princesa /Uma semideusa negra/ Olhando para mim” (v. 15-18). Nessa estrofe o eu lírico expressa autoafirmação e resistência. No verso “Quando eu olhei no espelho” (v.15), indica que o sujeito lírico, a menina, não permitiu ser subjugada pelo discurso da avó, e na busca de contestar a fala da avó, ao se colocar defronte a olhar no espelho, fez sua própria autoanálise sobre sua imagem, seu fenótipo, sua cor, seus traços, cabelo *black*.

Então, ela vislumbra uma semideusa, uma rainha, sua ancestralidade tão marcantes em seus traços físicos, com sua beleza peculiar e exótica. O sujeito poético manifesta uma comparação com os seus ancestrais africanos. Para a menina o espelho reflete tudo aquilo que ela sempre observou em si, a negritude. Nesse sentido, na linguagem poética do poema, o espelho configura a ser um objeto de identificação da valorização da alteridade da mulher negra. O reflexo no espelho certifica os símbolos de ancestralidade tão significativos para ressignificação da autoestima e do empoderamento da identidade negra.

De acordo com Chevalier; Gheerbrant (2001, p. 393-394), “O que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência [...]”, através do seu reflexo no espelho, a menina certifica a verdade, pois ainda segundo os mesmos autores, “O espelho é, com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento [...]”, e ter conhecimento sobre si próprio

é algo libertador. Essa liberdade é constituída por meio da consciência em se reconhecer como negra, e isso é confirmado na sexta estrofe, nos seguintes versos “Era eu/Era eu” (v. 19-20) com efeito de satisfação de reconhecer sua existencialidade, dado o sentimento de liberdade expressado pela voz lírica que ecoa para a vida, para o mundo: sou negra, sim; eu sou negra desde menina, enfatizando a convicção da sua alteridade.

Sendo assim, identificamos que no poema a voz lírica se expressa em dois períodos diferentes. A primeira fase, nos versos 1-20, evidencia o sujeito feminino na fase da infância. Nessa fase a voz lírica é consciente e empoderada com relação a sua identidade negra, percebendo o mundo com um olhar de dentro para fora. O sujeito poético feminino apresenta a infância de uma menina negra com espontaneidade e alegria, que não tem vergonha de expor seus traços negróides e o seu cabelo *black power*.

Nesse ensejo, a autora do poema faz um resgate das memórias da infância ao transmitir pela voz lírica traços da sua ancestralidade e de sua subjetividade. É importante destacar que a linguagem poética permite que a memória seja vinculada à vivência pessoal, aos fatores externos e históricos dos indivíduos de uma sociedade. Segundo Alfredo Bosi “É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores”. (BOSI, 1992, p. 28).

Sendo assim, ao analisarmos a linguagem poética de cada sujeito lírico mediante a geração que pertence, visualizamos que pela voz lírica, são elencadas duas concepções diferentes do cabelo da mulher negra, a que mostra o seu cabelo *black* como ato de resistência e aquela que o prefere esconder por não aceitar o cabelo afro em sua forma original. Sendo assim, os sujeitos femininos destacados no poema, tanto a menina e avó, cada uma, expõem a memória ancestral e de vida, a partir de suas escrevivências como mulheres afrodescendentes.

Assim, conforme Palmeira (2010) dialogando com esse pensamento destaca:

Esses poemas algumas vezes possuem um sujeito lírico que se identifica como feminino, outras vezes não. E em outras ainda, nos são fornecidos elementos que permitem identificar a voz enunciativa como um ser mulher e como um sujeito negro. E, assim, a partir do ponto de vista de escritoras afro brasileiras, é tematizada a memória, seja ela referente a um indivíduo ou a um coletivo. Dessa forma, a produção poética das afrobrasileiras constrói a memória dos afrodescendentes brasileiros, trazendo à tona os importantes papéis desempenhados pelas mulheres negras ao longo da luta pela liberdade ontem e hoje. (Palmeira, 2010, p. 14).

Desse modo, a produção poética de Nascimento como autora faz parte desse acervo de memórias de afrodescendentes que buscam incansavelmente pela liberdade de desempenhar sua expressão poética. Essa memória coletiva que muitas escritoras negras descrevem em suas obras, são os enfrentamentos dentro do corpo social para terem a liberdade de serem respeitadas e assim poderem ressignificar o papel da mulher negra.

A segunda fase destaca no poema a voz lírica da menina na fase adulta a partir dos versos 21 ao 43. Nos seguintes versos “Tomei gosto pela imagem/ Pelo cheiro/ Pelo meu sabor” (v. 21-23), ao utilizar uma expressão delicada ao falar da plenitude de se reconhecer, o eu lírico idealiza o toque feminino na apreciação da imagem da mulher negra, dando leveza para a leitura do poema.

Logo em seguida, nos versos “Botei a cara no vento / Ao sol da vida / E segue como qualquer / guerreira segue” (v. 24-27), o eu lírico na voz da menina/mulher consciente do seu eu negro, coloca mais uma vez a cara no vento para enfrentar a realidade social e para isso a sua arma é a autoestima e autoconfiança. Ao trazer a imagem da mulher guerreira, traz a memória a ancestralidade das deusas guerreiras africanas representadas nesse poema, ressignificando a diáspora, recriando poeticamente a imagem da mulher negra sobre um olhar fundamentado na dignidade de ser diferente.

Para Justino (2021, p. 57) “[...] por meio das resistências poéticas, [pode-se] (re)significar territórios socioculturais fundamentados no respeito e na dignidade existente nas diferenças. Com certeza, a poesia foi e é uma arma nessa guerra por espaço de representação por parte das mulheres negras.” Desse modo, ao destacar a força e altivez da mulher negra nos versos “Forte/Altiva” (v. 28-29), identificamos que nesse verso eu lírico constrói a imagem de uma mulher negra autoconfiante e determinada a prosseguir seu caminho e encarar todos os percalços pelos seus objetivos, mesmo sendo confrontada pela discriminação racial.

Na nona estrofe do poema, “Mesmo por engano/alguém me pedi o cardápio /Digo – Não, seu moço, sou uma cliente como você – / Isso acontece” (v. 30-33), identificamos que nessa estrofe a autora traz à tona um ato de racismo estrutural, quando o sujeito feminino é confundido por outro cliente como fosse uma empregada daquele estabelecimento por ser negra. Percebemos que o constante labor pelo respeito as diferenças étnicas e pela eliminação da discriminação racial ainda perpassa as gerações, uma cultura que está internalizada na educação brasileira de modo estrutural no inconsciente coletivo, nas relações pessoais, públicas, políticas e econômicas.

Como expressado no verso, “Digo – Não, seu moço, sou uma cliente como você” (v. 32), o eu lírico expressa que a figura da mulher negra é evidenciada como independente, que está ali para ser servida e não servir como nos tempos da colônia. De acordo com Evaristo (2005, p. 5) “[...] ouvir na sociedade brasileira, conservadora de um imaginário contra o negro. Imagens nascidas de uma sociedade escravocrata perpassam, até hoje, profundamente, pelos modos das relações sociais brasileiras”. Observamos que há uma inversão dos papéis na posição da figura feminina negra, antes vista somente como empregada, agora a mulher negra pode ocupar a posição social que almeja, após décadas de luta antirracista e sexista, a mulher negra obteve a liberdade de exprimir a sua voz, para ser ouvida e seja compreendida.

Desse modo, na décima estrofe do poema, “É que ser negro / Negra / É mais que uma cor / É resistência / Pela dignidade e igualdade / humana” (v. 33-38), nessa estrofe o eu lírico reafirma a valorização da identidade negra, o posicionamento político e ideológico sobre a imagem da pessoa negra na sociedade brasileira para ser respeitada e digna de direitos como qualquer outro ser humano, por ser uma vida a ser preservada. A vida de um negro é tão importante e valiosa quanto a de uma pessoa branca.

Mesmo enfrentando o racismo estrutural, a discriminação racial, o machismo, o sexismo, a objetificação, a estereotipamento pela cor da sua pele e o uso do seu cabelo crespo, black power, trançado ou enrolado em um turbante, a mulher negra, quando assume o seu cabelo afro, passa a reconstruir a autoestima e confiança sobre o seu eu, seu corpo físico e social nas relações interpessoais. Diante disso, a partir da perspectiva empoderada e emancipada que a escrita poética de Jeovânia Pinheiro do Nascimento conduz seus poemas é moldado no processo de ressignificação do sujeito negro/a, a resistência.

Desse modo, como ato de resistência, a poesia de Nascimento é marcada por lutas e conquistas, paixão e ilusão, dor e acalento, passado e presente, negro e branco, menina e mulher, liberdade e opressão, negação e aceitação, o poema e a poeta. Na escrita poética da autora, ser negra mulher e mulher negra, é caminhar lado a lado entre dois mundos, o mundo que construíram para a pessoa negra, e o mundo que a pessoa negra criou para si, ao chegar no meio dos dois.

Sendo assim, a autora nos convida a partilhar ao realizar a leitura de sua escrita poética a conhecer os caminhos que a levaram a expressar a voz da mulher negra em relação ao cabelo, falando de si, a partir do seu interior, da sua própria pele. Conforme destaca Gomes (2002) sobre a subjetividade da pessoa negra e sua relação entre o seu cabelo e corpo:

Essa maneira particular de relacionar-se com o corpo, com a subjetividade e à cultura dá-se em um determinado contexto social, histórico e político. E é esse contexto, juntamente com a experiência individual, que vai compor o complexo terreno da identidade negra. Homens e mulheres negras de diversas partes do mundo constroem-na de formas variadas, embora tragam consigo algo que os une: um pertencimento racial, oriundo de uma mesma ancestralidade africana, cuja maneira de lidar com o cabelo é uma forte expressão da cultura. (Gomes, 2002, p. 49).

Dessa forma, como é destacado por Gomes (2002), tanto o corpo quanto o cabelo afro trazem as marcas simbólicas da representatividade que perpassa as gerações e todo o contexto social, histórico e político. Nesse elo de pertencimento racial e de gênero, como o apresenta a escrita poética de Nascimento reside a exaltação da beleza da mulher negra, de seus traços e de sua autoestima. Apesar da inferiorização sofrida por ser negra, a autora faz dos versos de seus

poemas, linhas de resiliência que em cada letra possa ser visto e sentido, acima de tudo, o amor-próprio.

Para tanto, ao analisar a décima primeira estrofe e última do poema, “A consciência nos chega quando/ nos enxergamos,/ Mas os outros para nos verem /Precisamos ensinar” (v. 39-42) percebemos que a voz lírica retoma, enfatizando ao finalizar nos últimos versos do poema sobre, a abordagem da consciência negra e de gênero, assim como aponta Ambrosio et al (2022, p. 471), “[...] pela consciência de si no mundo e expressão de autocuidado e afetividade, um ato político de extremo significado que rompe com os processos de negação e inferiorização[...]”. Desse modo, ao retornarmos à essência principal desse poema, que é a consciência negra, visualizamos esse processo desde a infância até a vida adulta da mulher, reconhecendo-se sujeito social, dialogando com os seus pares.

No poema, a voz lírica apresentou a figura da menina/mulher que desde as primeiras descobertas do que a vida e as escrevivências que a envolveram até a caminhada desafiadora, árdua, porém, significativa de ser mulher negra com os seus cabelos black livre dos processos de branqueamento, permitindo-se enxergar positiva e conscientemente, seu eu negro/a diante os elementos que constituíam a sua representatividade.

Portanto, quando o eu lírico expressa afirmando nestes últimos versos do poema “Mas os outros para nos verem / Precisamos ensinar” (v. 41-42), infelizmente é de forma evidente a realidade do Brasil, em que a maioria da população é negra, e que mesmo diante desse fato, a sociedade ainda precisa ser ensinada a tratar a pessoa negra como deve ser tratada, com respeito e dignidade. Mas, como afirma o eu lírico, desde a chegada do negro/a nesse solo, até o presente exposto, o/a negro/a tem buscado conscientizar a população para combater a discriminação.

Desse modo, a pessoa negra, a criança negra, a mulher negra, desde que começa a ter ciência de sua etnia passam a enveredar na constante ação do ensino. A criança negra não deve ser tratada como diferente no espaço escolar por sua tonalidade de pele, e pelo seu cabelo, bem como a adolescente negra não deve ser julgada pelo seu cabelo black power e seu batom roxo, como a “Cinderela Revolucionária”. Outra realidade está em ensinar que a mulher negra também nasceu para ser servida, como cliente, e não só servir como empregada, e que ela pode, sim, ser escritora e falar de suas escrevivências como um ato revolucionário entre ser e fazer para si, e para todos, como ela, um lugar melhor de se viver, e resistir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos poemas de Jeovânia Pinheiro do Nascimento selecionados para a análise literária interpretativa, destacamos aqueles em que o cabelo afro representa um ato poético e político na literatura de autoria feminina negra. Nesse caminho de leitura e interpretação buscamos investigar como a mulher negra emancipou-se na sociedade reivindicando seus direitos civis, e, sobretudo, na literatura contemporânea, como escritora, na intenção de articular seu posicionamento político com a sua a linguagem poética.

Essa expressão de ideais tem por fundamento a luta pela autonomia sociocultural, no intuito de promover a conscientização da valorização da beleza negra para romper com a padronização estética da hegemonia branca. Para nortear esse estudo buscamos analisar, em específico a literatura afro-brasileira, considerando os poemas da autora investigada, visto que as obras literárias dessa conjuntura descrevem, reafirmam e ressignificam a ótica sobre a mulher negra, sua história e sua etnia.

Em virtude do embasamento teórico e das análises, averiguamos que a mulher negra contemporânea para dispor do espaço literário para descrever suas escrevivências, ocorreu uma trajetória árdua de enfrentamentos e da reconstrução da imagem e da subjetividade do/da negro/a. Houve a necessidade de uma literatura no qual os negros pudessem ter o seu lugar de fala e, diante disso, o “eu” negro. A literatura escrita pelas mãos daqueles que ajudaram na construção da nação, passou também a representar a sua própria autonomia, a literatura afro-brasileira, visando romper com os cânones literários, promovendo instituir uma ampliação do campo da linguagem literária, mediante a perspectiva da identidade negra. Pois, o/a negro/a precisava falar por si próprio, de contar a sua versão da história por sua voz.

Desse modo, surgiram os movimentos sociais e literários, para desconstruir com os paradigmas sobre a identidade negra, como o racismo e a discriminação racial, aspectos culturais de uma sociedade que foi concebida em meio a exploração e escravidão. Esses são, de alguma forma, ainda elementos que marginalizam e inferiorizam, até os dias atuais, pessoas pela cor da pele e pelo uso do cabelo.

Considerando a identidade negra, visualizamos que o cabelo afro é uma característica estética marcante na composição dos traços negroides. E, além disso, ele é visto também como um símbolo de resistência na esfera social e política. De modo correlato, a escrita negra, aqui discutida, destaca o cabelo afro como um dos símbolos mais relevantes para evidenciar a cultura negra. Ele é a expressão de liberdade, no qual o sujeito feminino, a mulher negra, é aquela que

mais manipula esse elemento ao longo da sua existência, trazendo consigo muitas vivências e sendo subjugada pelo seu uso natural.

Na poesia de Nascimento vislumbramos a imagem da mulher negra e o uso do cabelo afro como símbolo de resistência e empoderamento político e social. Ao tratar nesses três poemas sobre a mulher negra e o cabelo afro, a autora descreve a mulher negra de forma emancipada e consciente de sua identidade, ressaltando essa atitude por meio do cabelo afro, como expressão poética, fomentada pela alteridade negra reafirmando o cabelo afro de forma natural sendo articulado socialmente pela negritude como um ato político em romper com o padrão de beleza da hegemonia branca.

No poema “Mulher Negra”, o eu lírico expressa uma mulher independente que sabe se posicionar em relação ao seu cabelo à sociedade e se assume negra valorizando sua identidade, e a autonomia não aceitando ser subjugada pelos padrões estéticos sociais e objeto de consumo da ideologia machista e racista. Já no poema “Cinderela Revolucionária”, o eu lírico explicita uma mulher negra empoderada, autoafirmando sua cor, seu cabelo, sua autoestima e que soube ser resistência diante da ideologia dominante sobre a beleza. Isso se traduz, sobretudo, no uso do seu cabelo *black power*, ressignificando a beleza negra. Ele é símbolo de força e poder negro contra o racismo e a discriminação.

O uso desse elemento estético-capilar é marcado como um ato político, pois é usado no enfrentamento ao silenciamento das vozes negras e do comportamento subordinado. No poema “Negra desde menina”, o eu lírico faz alusão a duas concepções distintas sobre a mulher negra, a visão explícita em se assumir como negra, destacando a alteridade, e, em contrapartida, temos também a visão conservadorista, o lado da omissão, da opressão vivida de quem já sentiu o preconceito. Essa vivência se qualifica em não aceitar os traços oriundos africanos como característica da identidade negra, preferindo aceitar a imposição do padrão estético do branqueamento, enquanto a visão explicitada.

O olhar da mulher negra empoderada se refere ao sujeito feminino que se aceita conforme a sua identidade cultural. Essa aceitação é expressa pelo eu lírico divulgando a marca ancestral representada no cabelo afro, reconstruindo a subjetividade e a autoestima e desconstruindo o estigma sobre o corpo e a imagem da negra. Isso ocorre principalmente em razão de histórica e culturalmente a mulher afro ser vista como mão de obra, para então agora, depois de tantos embates, atos e conquistas, conseguir a oportunidade de desempenhar outros papéis na sociedade sem terem que se enquadrar em um padrão de cor e estético, para ser possível o espaço para ascendência da classe feminina negra sendo reconhecida e respeitada como as demais mulheres, diferente, sim, porém igual em direitos.

Por fim, estudos como esse sobre a escrita poética negra são de grande relevância para a comunidade acadêmica, e para aqueles que querem adquirir um pouco mais de conhecimento sobre os objetos analisados, visto que a poesia é tão pouco difundida e discutida na composição literária na formação universitária. Isso é acentuado, sobretudo, quando o estudo evidencia obras literárias não-canônicas, como a de Jeovânia Pinheiro do Nascimento. Assim, cremos que nossa pesquisa possibilitou o entendimento da poesia feminina, com ênfase na poesia negra que precisa ser expandida e reconhecida pela sociedade.

A escrita poética da autora estudada nos oportuniza a conhecer a vivência de uma mulher negra. Nascimento desde a infância encontrou na poesia um canal para eternizar suas palavras e expressar a luta diária de ser negra e escritora, em um mundo tão caótico, preconceituoso. Sua literatura nos ensina que para ser gente é preciso resistir. Foi a poesia que a empoderou e por meio dela, tem empoderado outras mulheres. Porque, viver hoje sendo você mesmo é um ato de resistência.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Alexandre Magnus A. de *et al.* **Esquecimento e outros poemas**. Natal: EDUFRN: Editora IFRN, 2022.
- AMBROSIO, L.; FONSECA, L. G.; FERNANDES DE ANDRADE, A. B.; SOUSA, D. P.; SILVA, C. R. **Cabelos crespos, tranças e *black power*: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento**. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), [S. l.], v. 14, n. 39, p. 453–477, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1274>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BOSI, Alfredo. **O tempo e os tempos**. In: NOVAES, Adauto (Org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- BRITTO, Flávia Thaís Alves. **Vozes femininas na poesia lírica da paraíba: a poesia de Lisbeth Lima**. In: **IV ENLIJE. Anais** [...] Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/694>. Acesso em: 10 maio 2023.
- CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- JEOVANIA Pinheiro do Nascimento. **CAFÉ com poesia**. Produção: TV Cidade de João Pessoa; Intérprete: Jeovânia Pinheiro do Nascimento. YouTube: TV Cidade João Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zn66-zU8fdY>. Acesso em 07 jun. 2023.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 6ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo, Ática, 1985.
- CASA da Pólvora abre inscrições para oficina sobre escrita criativa. **Site**: Prefeitura de João Pessoa. <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/casa-da-polvora-abre-inscricoes-para-oficina-sobre-escrita-criativa/> Acesso em: 04 jun. 2023.
- CASTANHEIRA, Cláudia. **Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória**. NIELM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura). 2010. Disponível em: <https://unig.br/wp-content/uploads/ESCRITORAS-BRASILEIRASPERCURSOS-E-PERCALCOS-DE-UMA-ARDUA-TRAJETORIA.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2022.
- CENA Preta - Jeovânia P. Produção: **TV Cidade João Pessoa**. Intérprete: Jeovânia P. YouTube: TV Cidade João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3i1pQvVKLWI>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 16ª ed. Tradução Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DA SILVA SOUZA, F. D. **Escritas de mulheres negras: exercícios de escrevivência e de re(exis) (sis)tência**. Revista Cerrados, [S. l.], v. 30, n. 57, p. 41–50, 2021. DOI: 10.26512/cerrados.v30i57.38376. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/38376>. Acesso em: 19 jun. 2023

DUARTE, Livia. **Os poemas de Jeovânia P. e Juliana Sankofa**. In: LIRA, Cris. (org.). **Escrivências e [r]existências: a poesia de autoras negras brasileiras**. Belo Horizonte: Design Ultra Simples, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza M. B.; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: **Uma poética de nossa afrobrasilidade**. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2º sem, 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 14 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Cláudia; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. **Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 11, n. 27, p. 184-205, fev. 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/496>. Acesso em: 13 maio 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: Resignificando e politizando a raça**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>. Acesso em: 12 mar. 2023.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Cuba: Revista Gazeta de Cuba- Unión de escritores y artista de Cuba, jan. /fev/, 2005. Tradução de: Lia Maria dos Santos.

JEOVANIA Pinheiro do Nascimento. Site: **Escavador**. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7903348/jeovania-pinheiro-do-nascimento/> Acesso em 05/06/2023.

JUSTINO, Maria Edilene. **Poesia negro-feminina: discurso poético e empoderamento em Elisa Lucinda**. 2021. 121f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Letras. João Pessoa, 2021.

MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário**. Psicologia & Sociedade, 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/5t5dNgXh7yTsQTLjQWMG87F/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo Bom. Cabelo Ruim. Coleção percepções das diferenças. Negros e brancos na escola**. Vol. 4. São Paulo: NEINB, 2007.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra**. Anais do X Copene. Minas Gerais: [s/n], 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf. Acesso em 14 abr. 2023.

NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do. **Cinderela Revolucionária**. In: SILVEIRA, Rosa Samara et al. **II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB: homenagem a Marília Arnaud e Lourdes Ramalho**. João Pessoa: Ed. IFPB, 2022.

NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do. **Re[s][x]istência**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. 2016. **Meu cabelo não é só estética, é também política: os movimentos sociais e as narrativas visuais**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 8, n. 20, p. 217–230, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/18>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Métodos de pesquisa qualitativa. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PALMEIRA, Francineide Santos. **Poesia e memória na produção feminina dos Cadernos Negros**. Revista Digital Inventário. PPGLL/UFBA, 7ª ed. 2010. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/07/PoesiaEMemoria.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023

PAVANI, Cinara. **Escrita e performance na poesia de autoria feminina contemporânea**. Letras, [S. l.], n. 59, p. 103–114, 2020. DOI: 10.5902/2176148537751. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/37751>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PEREIRA, D. D.; THÉ, A. P. G. **A construção da identidade negra via movimento social: marcha dos cabelos crespos enquanto estratégia de enfrentamento do racismo**. Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 21, n. 3, p. 169-183, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/conflu.v21i3.34680>. Acesso em: 10 maio 2023.

PERRAULT, Charles. **Contos da Mamãe Gansa**. Tradução: Leonardo Fróes; Ilustrações: Milimbo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 11ª ed. Tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. vol.18, n.º 50, São Paulo Jan./Apr, 2004. Disponível em: http://www.ecielo.br/scielo.php?script=eci_arttext&pid=S0103. Acesso em 14 mar. 2023

ROCHA, Neli G. Crespos: **O cabelo como ícone da identidade negra. Memória e Estética, a circulação de ideias e valores na realidade brasileira**. Rev. NEP, v. 2, n. 1, p. 86-92, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/nep.v2i1.45435>. Acesso em 07 jun. 2023.

SABINO, Cesar. **A louridade da loura**. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.) **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultural brasileira**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

SAMPAIO, Alessandra *et al.* **Escrevivências e [r]existências: a poesia de autoras negras brasileiras**. Organizado por Cris Lira. Traduzido por Abbey Nelson *et al.* Belo Horizonte: Design Ultra Simples, 2023.

SANTIAGO, Ana Rita. **Literaturas de autoria negra: um canto de resistência à afrodescendência**. VERBO DE MINAS, Juiz de Fora, v. 21, n. 37, p. 215, jan./jun. 2020. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricosconceituais/Artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf>. Acesso em: 19 maio 2023.

SANTOS, Luane Bento dos. **Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, 2012, Niterói. Relações Etnicorraciais. Niterói: ANINTER, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/36126012/USOS_E_IMAGENS SOBRE OS CABELOS CRESPOS DAS MULHERES NEGRAS. Acesso em: 06 jun. 2023.

SEVSENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVEIRA, Rosa Samara *et al.* **II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB: homenagem a Marília Arnaud e Lourdes Ramalho**. João Pessoa: Ed. IFPB, 2022.

SOUSA, Viviane Silva de. **Das sementes aos frutos: a poesia simbólica de Lisbeth Lima. 2022**. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades. Departamento de Letras. Guarabira, 2022.

SOUZA, Natália Lima. **Ethos e Negritude: Cabelo e corpo como símbolos de identidade e autoestima de mulheres afrodescendentes**. 2018. 80f. Dissertação (Mestrado) em Letras. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife, 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tonar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora graal. 1983.

SOUZA, Olavo Barreto de; ALVES, José Hélder Pinheiro. **Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba. In: Colóquio Nacional o Profissional de Letras: formação constante**. Anais [...] Campina Grande: Revista Letras Raras (UAL/UFCG), 2012. p. 699-712. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/issue/view/17/showToc>. Acesso em: 05 jun. 2023.